

PROGRAMA DE FORMAÇÃO
Organização Anarquista Socialismo Libertário (OASL)
Federação Anarquista do Rio de Janeiro (FARJ)

MODULO II

HISTÓRIA DO ANARQUISMO NA EUROPA

Curso 4: Anarquismo na Europa

- Alexandre Samis. “O Anarquismo de Proudhon a Malatesta”.

Curso 5: Revolução Espanhola

- Frank Mintz e Frédéric Goldbronn. “Quando a Espanha Revolucionária Vivia em Anarquia”.

Curso 6: Revolução na Rússia e na Ucrânia

- Milton Lopes. “A Revolução Russa”.
- Nestor Makhno “O Grande Outubro na Ucrânia”.

Curso 7: Anarco-Comunistas na Bulgária

- Michael Schimidt. “Anarquismo Búlgaro em Armas – Excertos”.

CURSO 4

ANARQUISMO NA EUROPA

O ANARQUISMO DE PROUDHON

A MALATESTA

Alexandre Samis

AS IDÉIAS SÃO FILHAS DE SEU TEMPO

Para o historiador e ativista político Marc Bloch, morto pelos nazistas durante a ocupação da França, era um absurdo pensar a História como uma “ciência do passado”. [1] De que forma, perguntava ele, um conjunto de fenômenos que possuíam entre si apenas a condição de não terem acontecido no presente poderia ser matéria do conhecimento racional. Bloch indagava, na verdade, sobre a própria função dos historiadores, sobre a validade de se fazer a história e, em última análise, sobre a autoridade do pesquisador na utilização de sua ferramenta essencial, o tempo.

Escrevendo sobre o “Maio de 68”, Maurice Joyeux, com pouca pretensão a engrossar as teorias acadêmicas sobre a matéria em questão, dizia que: *“Digamos que a História faz arbitrariamente repousar sobre um ano (1789, por exemplo, ou 1917) uma refundação, fruto de uma lenta maturação, como ela faz repousar sobre um homem-farol sobressaltos evolutivos que são aqueles de uma geração sacudida pela maturação econômica e moral de uma sociedade”*. [2] A paixão engajada de Joyeux, nem por isso menos profunda, atribui a algumas frações de tempo o papel de condensar em determinados fatos os esforços coletivos de uma ou mais sociedades. Parece ser possível enxergar nesta definição, saltando dela, personagens bastante conhecidas, chamuscadas pela pólvora ou cobertas pela poeira das barricadas.

Quando falamos de anarquismo, e de segmentos do campo do socialismo, o desafio não é menos complexo. Embora o objeto de investigação encontre-se ancorado no campo ideológico, ele, além de representar uma aspiração passível de identidade temporal, necessariamente atravessa a encruzilhada entre filosofia e história. Situação que vincula o pensamento anarquista a uma longa linhagem que deve, sem a perda de sua riqueza e diversidade, ser analisada em seu tempo com todos os desdobramentos verificáveis até o presente.

Assim sendo, este breve estudo introdutório pretende auxiliar na compreensão de como e quando as diversas correntes do anarquismo interferiram na organização da sociedade e, em que contextos, construíram seus programas e princípios doutrinários. Sabendo-se que toda idéia é “filha de seu tempo”, e o anarquismo não é exceção à regra, apesar de sua vigência contemporânea, buscaremos, nas linhas que seguem, elaborar uma sumária genealogia das correntes e idéias que assaltaram de forma indelével o pensamento libertário.

ORIGENS DO ANARQUISMO: PROUDHON E BAKUNIN

Segundo boa parte dos historiadores do anarquismo, para nos restringirmos apenas ao período da formação dos modernos Estados Nacionais, sinais do anarquismo já se verificavam entre os diversos grupos de composição da Revolução Francesa. Os *enragés*, aglutinados em torno da figura de Jacques Roux, reuniam muitas das qualidades que posteriormente seriam associadas aos libertários oitocentistas. Os jacobinos, seus oponentes “à esquerda”, já os identificavam estigmatizadamente como “anarquistas”. [3] A intransigente defesa da liberdade e o caráter descentralizador das reivindicações do grupo de Roux, colocava-o na oposição sistemática ao governo “popular” dos seguidores de Robespierre e Saint-Just. Encastelados no novo Estado,

infiltrados no “Comitê de Salvação Pública”, a exemplo do que viria a acontecer mais de um século depois, na Revolução Russa, com os soviets, os jacobinos afogaram em sangue o processo do qual reivindicavam a paternidade exclusiva.

Por conta desse fenômeno histórico, o russo Mikhail Bakunin recolheria alguns ensinamentos importantes que, sem margem para dúvidas, clivaram as diferenças entre os revolucionários anarquistas e o jacobinismo. Para ele:

a terrível guilhotina de 1793 que não pode ser acusada nem de preguiça, nem de lentidão, não chegou a destruir a classe nobre na França. (...) Em geral pode-se dizer que as carnificinas políticas nunca mataram os partidos; mostraram-se sobretudo impotentes contra as classes privilegiadas, porque a força reside menos nos homens do que nas posições ocupadas pelos homens privilegiados na organização das coisas, isto é, a instituição do Estado e sua consequência assim como sua base natural, a propriedade individual.[4]

Bakunin acreditava que as energias revolucionárias deveriam ser concentradas na destruição das “coisas”, no caso, o Estado, e não das “pessoas”.

Tal premissa defendida claramente pelo anarquista russo definia para os libertários um princípio basilar para o seu pensamento social: o do antiautoritarismo. Questão inclusive que irá distinguir Bakunin de Marx no interior da Associação Internacional dos Trabalhadores (A.I.T.). E, com base nesse princípio, foram incorporados ao campo libertário pensadores das mais variadas procedências como: W. Godwin, M. Stirner e, posteriormente, L. Tolstói.[5]

Mas, apesar da importância que viria a ter Bakunin no pensamento anarquista, não coube a ele a primazia do estabelecimento dos primeiros elementos teóricos daquilo que seria um força política inquestionável na Europa e no resto do mundo. Foi efetivamente P. -J. Proudhon, em seu livro-“memória”, *O que é a propriedade?*, que veio a lume em 1840, que lançaria as bases para a luta econômica contra o “partido” do capital. Neste trabalho, em um primeiro momento festejado pelo próprio Marx, como sendo o “primeiro exame sério e ao mesmo tempo científico” sobre a propriedade, ele atacava duramente a instituição referida e concluía, à pergunta inicial, afirmando: “A propriedade é um roubo”. Proudhon, com seus diversos trabalhos não cessaria de crescer em importância e influência nos meios socialistas do Ocidente, por todo o século XIX. Seu prestígio, entretanto, em pouco tempo, transformaria Marx de leitor atento e admirador confesso em ferrenho oponente e detrator contumaz.

Pouco antes da cisão definitiva entre ambos, Marx escreveria a Proudhon uma carta convidando-o a colaborar em uma revista alemã, que seria publicada em Bruxelas, por volta de 1846, à qual este último respondia da seguinte forma: “Façamos ato de antiprogmatismo... quase absoluto. Não sonhemos em doutrinar o povo colocando-nos como apóstolos de uma nova religião”. [6] Na verdade, Proudhon declinava do convite entendendo a obra de Marx como uma iniciativa marcada pelo dogmatismo e preconceito teórico. Já, nessa atitude, o filósofo francês marcava a sua opção pelo pluralismo e pela independência em relação a outras vertentes do socialismo.

Em suas obras seguintes ele enfrentaria as mais duras acusações de Marx, e seu trabalho, *Sistema das Contradições Econômicas ou Filosofia da Miséria*, seria objeto da crítica do comunista alemão em *Miséria da Filosofia*. Tais querelas teriam eco também no interior da Associação Internacional dos Trabalhadores, fundada em Londres, no ano de 1864, dentro da qual proudhonianos ou mutualistas disputariam espaço político com os seguidores de Marx. A despeito das acusações dirigidas a Proudhon, de ser ele um autor burguês e conservador na análise dos costumes, seus escritos em muito superaram a influência de Marx no meio operário francês, até o advento da Comuna de Paris, em 1871.

A doutrina social e política de Proudhon ganhou muito com suas experiências concretas. Quando da conjuntura especialmente revolucionária de 1848, ele atacou a Louis Blanc, membro na ocasião do governo provisório, com duras palavras. Acusou Blanc por seu estatismo e reformismo e colocou o Estado e o governo em oposição “*a personalidade e autonomia das massas*”. Em 1851, às portas do golpe de Luís Napoleão, no seu *A Idéia Geral de Revolução no Século XIX*, atacando as reivindicações meramente corporativas dos operários e desafiando o mito político republicano, Proudhon afirmava: “*Quer os operários saibam ou não, não é nos seus interesses mesquinhos que consiste a importância da sua obra, mas na negação do regime capitalista, agiota e governamental.(...) A revolução está acima da República*”. É igualmente nesta obra demolidora que, antes de Engels, atribui a Saint-Simon e Fourier a condição de utópicos. Uma vez que se encontrava encarcerado por ordem de Napoleão, ao escrever a referida obra, Proudhon alimentou a esperança de uma unidade episódica entre a classe média e o proletariado, para a deposição do tirano. Entretanto, no livro seguinte, ainda escrito na prisão, *A Filosofia do Progresso*, demonstra confiar mais estritamente na “*energia revolucionária da classe operária*”. De qualquer forma, a despeito das alianças conjunturais, era na classe dos produtores que depositava Proudhon a tarefa de derrubar a ordem de privilégios representada no capitalismo. No seu *Do Princípio Federativo e da Necessidade de Reconstruir o Partido da Revolução*, de 1863, ele afinaria ainda mais a relação entre os objetivos e o método na Revolução.

Já no fim de sua vida ao ser instado, pelos signatários, a responder ao “Manifesto dos Sessenta”, em março de 1864 — uma carta pública assinada por operários franceses a respeito da representação política no parlamento — ele diria:

Eu não esperava, confesso-o, ser consultado por quem quer que fosse sobre semelhante questão. Achava o movimento eleitoral enfraquecido e não pensava, em meu isolamento, senão em diminuir, no que pudesse depender de mim, os seus efeitos deploráveis. Mas já que, por considerações que me parecem totalmente pessoais, vossa confiança em minha opinião achou dever, por assim dizer, me convocar, não hesito de modo algum em responder a vossa questão, tanto menos porque meu pensamento não saberia ser outra coisa senão a interpretação do vosso.[7]

Com esta resposta, além de seu livro *Da Capacidade Política das Classes Operárias*, motivado em muitos aspectos pela referida questão, publicado postumamente, — o pensador morreria em janeiro de 1865 — Proudhon se consagrava como uma das principais influências, ao lado de Blanqui, no meio operário francês, e mesmo dentro da Internacional, seção parisiense. Apesar de ter sido Proudhon um importante teórico da questão operária e, por este motivo, mesmo após a sua morte, ter fiéis seguidores no interior da Internacional, foi certamente Bakunin o mais ativo anarquista no âmbito da A.I.T.

Bakunin descendia de linhagem nobre na Rússia, resolveu por conta de uma inquietação, em alguma medida geracional, e o contato com intelectuais como Ogareff, Bielinsky, Herzen e outros, buscar estudar filosofia na vizinha Alemanha. Depois de aprofundar seus estudos de Hegel, como alguns de sua época, e criticar os aspectos mais reacionários do pensamento deste, passou a freqüentar os círculos da “esquerda hegeliana”. Ao publicar em 1842 o texto *Reação na Alemanha*, em alguma medida fruto de suas reflexões sobre a dialética, ganha certa notoriedade. A partir daí iniciou um “périplo” pela Europa, conheceu Marx, Engels e Proudhon em Paris, foi um dos mais destacados membros das barricadas de fevereiro de 1848, esteve envolvido no Congresso Esloveno Internacional, neste mesmo ano em Praga, dissolvido por força da repressão, e foi igualmente ativo no levante contra os prussianos em Dresden, na Saxônia. Detido após o fracasso do curto governo revolucionário passou, após a sua detenção, pelas prisões de Dresden, Koegnistein, Almitz,

Petrogrado, Schlüsselburgo e depois deportado para a Sibéria, em um total de 12 anos de reclusão. Após uma escapada digna de figurar em um romance de aventura, chegou através dos EUA a Londres, em 1861.

Uma vez na capital britânica encontrou-se novamente com o grupo de russos exilados que se reunia em torno do projeto de Herzen. Principiou uma série de artigos no periódico *O Sino*, editado por Herzen, que a cada contribuição de Bakunin ficava mais radical. Em 1863 embarcou rumo a Varsóvia na intenção de auxiliar os poloneses em uma revolução contra a dominação do Império Russo. Malgrado o intento, ficou algum tempo na Suécia e posteriormente, com breve passagem por Londres, viaja para Florença. Na Itália seu posicionamento contrasta com os limites claros da pregação republicana de Mazzini. Em Nápoles, cidade para onde se desloca, encontra então interlocutores importantes como Fanelli, Gambuzzi, Mulletti e Farlandina. É na Itália, região com forte tradição e presença de sociedades secretas, que encontra a forma final de atuar com o mínimo de segurança e o máximo de eficiência, evidentemente proporcional às forças disponíveis.

BAKUNIN E A ASSOCIAÇÃO INTERNACIONAL DOS TRABALHADORES

Embora Bakunin só tenha chegado à Internacional cerca de quatro anos após sua fundação, a sua presença determinou para as discussões internas caminhos ainda mais interessantes. Na realidade, desde os anos de 1850 que socialistas franceses, em Londres, com o apoio de lojas maçônicas avançadas e grupos abnegados de intelectuais, lançavam as bases daquilo que viria a se constituir a A.I.T., no ano de 1864. Naqueles primeiros instantes da organização, ainda muito tímida no conteúdo programático, não estava entre eles Marx ou qualquer outro socialista de prestígio. O convite para o ingresso deste teria sido feito às vésperas da fundação da entidade e sua firma, nos estatutos da nova organização, condicionada a uma “servidão voluntária” dos demais signatários.[8]

Antes da chegada de Bakunin à Internacional, César De Paepe, jovem socialista libertário, de Bruxelas, e um conjunto de independentes organizados em torno do grupo *Le Peuple*, iniciaram um movimento independente dentro da organização. A obra de Proudhon, *Da Capacidade Política das Classes Operárias*, havia logrado também organizar, em um bloco não muito definido, sob a liderança de Tolain, um número razoável de militantes. Com traços pálidos começava a se desenhar o bloco que mais tarde, no interior da Internacional, ficaria conhecido pelo adjetivo de antiautoritário.

Nessa mesma época, Bakunin, já descrente das potencialidades revolucionárias dos movimentos nacionalistas, tendo em vista a preeminência dos chefes de Estado em França, Rússia, Prússia e Piemonte, passava a investir em movimentos sociais que renasciam por toda a Europa. Vendo a debilidade das organizações socialistas e “democráticas” e a sua incapacidade de resolver os problemas fundamentais da revolução, passara a trabalhar na criação de uma sociedade secreta de revolucionários. Na Itália, em conformidade com seu objetivo, teria tentado conseguir adeptos, no interior da maçonaria, para a sua sociedade revolucionária.

Foi certamente neste país, bastante influenciado pela tradição carbonária, que Bakunin esboçou seu plano para a organização da Fraternidade Internacional, dentro da qual a “livre associação” e o “federalismo” assumiriam papéis de suma importância para a formação das bases da futura sociedade socialista. A partir de 1867, a atividade clandestina une-se à ação pública dos seus companheiros de Nápoles, no periódico *Liberdade e Justiça*. Naquele mesmo ano, ele participa do Congresso da Paz, em Genebra, e escreve o panfleto: *Federalismo, socialismo e antiteologismo*.

No ano seguinte, Bakunin irá redigir o programa da Aliança da Democracia Socialista, e, através da seção de Genebra, pedirá a filiação da Aliança à Internacional. A organização pública de Bakunin, porém, era composta por uma estrutura secreta que lhe dava a consistência teórica e organizava seus militantes, segundo uma lógica de confiança e afinidades políticas. Tal organismo era chamado de “Fraternidade”, seus estatutos eram de conhecimento apenas dos membros constitutivos desse círculo seletivo. Por questões de segurança, bastante plausíveis em uma conjuntura de constante repressão, e dada a desorganização das forças socialistas, infiltração de agentes policiais e delações constantes, a organização assim entendia garantir seu funcionamento.

Diferente do previsto, o pedido de ingresso da Aliança na Internacional foi negado com o aval do próprio Marx. Alegou o Conselho Geral a impossibilidade de uma organização agir dentro da A.I.T. sem o prejuízo desta. Assim, os bakuninistas acabariam por entrar na entidade sem a legenda que lhes conferia certa identidade. As hostilidades de Marx contra o russo antiautoritário não cessariam de crescer até a expulsão deste, em 1872, no Congresso de Haia.

A entrada dos bakuninistas na Internacional ampliou não apenas o número de antiautoritários opositores de Marx, mas conferiu a estes um significado extra. Categorias como mutualismo, associado a Proudhon; coletivismo, ora associado ao marxismo, ora ao bakuninismo, acrescidas pelo mutualismo-coletivismo pregado por De Paepe, adicionavam maior complexidade ao quadro ideológico da organização. Casos como o dos irmãos Reclus, que se afastavam ou se aproximavam de Bakunin, em questões concretas, eram comuns. Para fazer frente a estas alianças quase sempre provisórias a “Fraternidade” de Bakunin parecia ser não apenas importante, mas imprescindível. Seria ela o pólo dinamizador dos princípios de federalismo e livre associação, e estes não podiam ser sustentados em bases moveáveis. Eles deveriam funcionar como aportes teóricos alternativos contra as idéias centralistas e estatistas de Marx, contra sua concepção blanquista de “ditadura do proletariado”. Tal perspectiva orientava Bakunin na direção da organização de sua “Fraternidade Internacional”.

O Congresso da Basiléia, entre 1868 e 1869, operou sensível influência sobre as táticas dos componentes da Internacional. Eugene Hins, de Bruxelas, dizia que a estrutura organizacional deveria se constituir enquanto “um Estado dentro do Estado”, a cada dia mais forte, até a derrocada do Estado tirano e a permanência da ossatura revolucionária construída com paciência e persistência pelos militantes. Anselmo Lorenzo, membro bakuninista da Internacional na Espanha, afirmava: “*A A. I. dos T. leva em si o germe da regeneração social... encerra em si os germes de todas as instituições vindouras*”. [9] Igualmente, De Paepe defendia as sociedades de resistência (sindicatos):

estas, por sua federação e sua agrupação organizam o proletariado e acabam por construir um Estado no Estado, um Estado econômico operário, em meio a um estado político burguês. Esse Estado se encontra naturalmente representado pelos delegados das corporações operárias que, ao proverem as necessidades atuais, constituem também o embrião administrativo do porvir... [10]

Na mesma linha, Bakunin, em 1871, portanto na época da Comuna de Paris, fazia coro ao Congresso de Basiléia:

A organização das seções de ofício, sua federação na Associação Internacional e sua representação pelas Câmaras de Trabalho, não criam apenas uma grande Academia onde todos os trabalhadores da Internacional, unindo a prática à teoria, podem e devem estudar a ciência econômica, produzem ademais os germes vivos da nova ordem social que há de substituir o mundo burguês. Não apenas criam idéias, mas os feitos mesmos do porvir. [11]

No Congresso da seção espanhola da A.I.T., em Barcelona, no ano de 1870, os aliancistas definiam a tática: “*fundar, em uma palavra, as bases do Estado econômico-operário no meio do Estado político-burguês atual...*”.[12]

Diante do referido quadro, os autoritários ligados a Marx desencadeiam furiosa campanha contra os bakuninistas, belgas, suíços jurassianos, parte dos delegados franceses e espanhóis. Uma ofensiva em favor da tática política de tomada e não destruição do Estado é defendida por aqueles que, nas seções da A.I.T., encontravam-se sob seu controle. A ação eleitoral passa a ser valorizada e a ditadura blanquista, como método de gestão do Estado proletário, adquire relevo no conjunto das medidas propostas por Marx. Tal situação dia a dia enfraqueceria internamente todas as seções da organização.

A Guerra Franco-Prussiana (1870-1871), serviu como prova ao internacionalismo defendido pelos membros da A.I.T.. Enquanto Marx, publicamente, assumia postura “francófila”, argumentando contra o expansionismo alemão, em carta a Engels queixava-se do “chauvinismo francês” e complementava, com respeito à guerra:

Se os prussianos vencerem, a centralização do Estado favorecerá a centralização da classe operária. Além disso, a supremacia alemã deslocará o centro de gravidade do movimento operário do Ocidente da Europa, da França para a Alemanha, e basta comparar o desenvolvimento de ambos os países desde 1866 para se convencer de que a classe operária alemã está acima da francesa, tanto em teoria como em organização. O triunfo da primeira sobre a segunda representará ao mesmo tempo um triunfo de nossa teoria sobre a de Proudhon.[13]

Ainda na mesma missiva, criticaria os deputados socialistas alemães, Liebknecht e Bebel, por terem negado o voto aos créditos de guerra. A posição dúbia de Marx devia-se, muito provavelmente, ao ambiente claramente antibismarkiano que vigorava na Internacional e ao seu desejo de contar com certa simpatia dos patriotas blanquistas. A derrota da França na guerra e o desfecho trágico da Comuna de Paris iriam contribuir sensivelmente para os fatos que viriam a ocorrer na Internacional.

Após alguns meses de perplexidade, como efeito das barbaridades cometidas pelo governo francês contra os *communards*, os internacionalistas reiniciam a dinâmica da organização e convocam os seus membros para o Congresso de Haia, em 1872. E é, finalmente, nesse encontro que Marx logra expulsar Bakunin e seus seguidores da A.I.T.. Utilizando-se de acusações de caráter pessoal, denúncias de que o russo mantinha, para o prejuízo da Internacional, o funcionamento da sua sociedade secreta, e com o triunfo das teses políticas sobre a luta econômica, os autoritários excluem o grupo diretamente ligado a Bakunin e definem para a entidade um único e monolítico perfil. A transferência da Internacional para Nova Iorque foi uma atitude premeditada para liquidá-la, o que veio a acontecer pouco tempo depois.

A CONTINUIDADE DA TRADIÇÃO ANTIAUTORITÁRIA

Após a sua expulsão, Bakunin vai ao Congresso de Saint-Imier e sistematiza em discurso a condenação de todo o poder político, mesmo aquele que se arroga “provisório e revolucionário”. Tal intervenção seria repetida no Congresso da Federação Italiana, em Bolonha, no ano de 1873, e em suas demais aparições públicas e textos de combate até sua morte em 1876.

Como era natural que acontecesse, devido aos intensos debates, ainda no mesmo ano da morte de Bakunin uma nova interpretação do anarquismo vinha se somar ao núcleo relativamente

consolidado por ele na Internacional. Em Lausanne, em março, em reunião de internacionalistas e comunistas, Elisée Reclus reconhecia a novidade do “anarquismo comunista”. Tal atitude seria endossada por Malatesta, Cafiero, A. Costa que, após o Congresso de Florença, no mesmo ano, aderiam às novas interpretações do anarquismo. Kropotkin, que aparecia nesse momento, juntamente com os trabalhadores do Jura, na Suíça, revelar-se-ia um entusiasta das alterações no pensamento libertário.

A nova leitura do anarquismo implicava, em certo sentido, o rearranjo de determinados aspectos da organização da sociedade futura. Como afirmou Nettlau, a antiga concepção de Bakunin, na qual o indivíduo receberia benefícios de acordo com seu trabalho — diferente do comunismo, para o qual tudo deve ser socializado independente do produtor —, seria mantida para os produtos em escassez. O próprio Malatesta defenderia, em 1884, que o princípio comunista deveria necessariamente ser aplicado aos produtos em abundância, mas que, em certas circunstâncias, o coletivismo poderia ser uma alternativa intermediária. Ainda, segundo Nettlau, as diferenças entre uma e outra correntes não prejudicaram em nada as relações de seus filiados, tudo teria transcorrido com “espírito tranqüilo” e sem “fanatismos”. Assim, o coletivismo defendido por Guillaume, e o comunismo de Malatesta, ampliavam ainda mais a aplicação dos princípios anarquistas. “*O comunismo possibilitava a realização ali completa onde a abundância permitia, e os arranjos coletivistas, de matizes diversos, ali onde a abundância não existia e, ainda, com o objetivo de criá-la.*”[14]

Em conformidade com este processo, no ano de 1877, a Aliança internacional – legenda que incluía os antiautoritários que haviam sobrevivido ao desaparecimento da AIT – e Kropotkin iniciaram conversações no sentido de ativar a “Intimidade Revolucionária”, nome atribuído à nova articulação internacional de anarquistas, com bases fraternais muito semelhantes às propostas por Bakunin, a partir de 1864. Tudo indica que participaram do núcleo original Guillaume, Schwitzguébel, Brousse, Costa, Viñas, Morago, Malatesta, Cafiero,[15] posteriormente Reclus, além, é claro, do próprio Kropotkin. O jornal francês *Le Révolté*, criado em 1879, passava a ser o órgão do grupo, divulgando os textos de fundo e as opiniões dos principais componentes da “Intimidade Revolucionária”. No Congresso regional francês, em Havre, no ano de 1880, os membros do *Le Révolté*, definiriam-se, então, como “comunistas libertários” ou anarquistas.

Nos anos que se seguiram, o anarquismo, principalmente após o retorno dos exilados da Comuna, nos primeiros anos da década de 1880, experimentou conjunturas adversas ao seu funcionamento. Apesar do estado geral do movimento, os aderentes ao grupo “Intimidade Revolucionária”, Malatesta, Kropotkin e Reclus, destacaram-se internacionalmente por feitos militantes. Embora cada qual professasse a doutrina nem sempre da mesma forma, parecia claro, ao menos à maioria dos militantes, que a autoridade de seus atos e a coerência no que defendiam ligava-os à linhagem inaugurada por Bakunin e Proudhon na Internacional. À margem destes nomes, outros grupos em França, Itália, Espanha e Rússia pregavam ações individuais sob a forma de regicídios e atentados a bomba. Com o fim da A.I.T., mesmo após a inauguração da Segunda Internacional, em 1889, os grupos anarquistas careciam de espaços definidos de atuação social.

Para maior complexidade dos fatos, a luta parlamentar, inversamente, ganhava adeptos, e os partidos socialistas, sob a bandeira da social-democracia, cresciam em algumas partes da Europa. Na contramão deste processo apareciam alguns sindicatos que rejeitavam a via parlamentar e, a exemplo do Congresso de Basiléia, de 1868-1869, pregavam a luta econômica como tática fundamental. Tal fenômeno, na França, ganhava corpo no final do século XIX, com a criação das Bolsas de Trabalho, estrutura fundamental para o entendimento do sindicalismo revolucionário, sistematizado no Congresso de Amiens, em 1906. Os anarquistas estavam presentes à gênese deste sindicalismo e, na figura de F. Pelloutier, encontraram a necessária continuação da concepção defendida por Bakunin e os antiautoritários em Basiléia. A despeito das mudanças operadas no panorama internacional, e mesmo nos contornos sociais da classe operária, parecia aos anarquistas

que a “velha fórmula”, com o devido componente ideológico renovado, poderia ser uma arma eficiente contra o socialismo reformista e o capitalismo.

De fato, foi o sindicalismo revolucionário um importante catalizador das energias até então, após a Comuna, subutilizadas pelos libertários. Em certos países, como na Espanha, de tradição fortemente arraigada no coletivismo bakuninista, o sindicalismo revolucionário apresentou uma tal especificidade que este viria a ficar conhecido como anarco-sindicalismo. Em outras partes, como no Brasil, Portugal, e outros países latino-americanos, o mesmo fenômeno, tendo sempre à frente anarquistas, não deixou de marcar significativamente a história do movimento operário.

Entretanto, em meio à euforia de via sindical, que era apresentada por alguns entusiastas como panacéia para eliminar os entraves do capital, acontece o Congresso Anarquista de 1907, em Amsterdã, no qual Malatesta assevera a necessidade de reforçar a ideologia com ênfase secundária para a questão sindical. Neste Congresso, Pierre Monatte, posteriormente aderente à causa bolchevista, irá travar um importante duelo teórico com Malatesta. Foi também aí que ficou definida a existência de mais uma corrente de pensamento, o sindicalismo anarquista, dentro do universo libertário.

De 1907, a partir do Congresso de Amsterdã, até o início da Primeira Guerra Mundial, sete anos depois, parecia não haver alternativa mais adequada ao libertário que atuar direta ou indiretamente vinculado ao campo sindical. Mesmo Malatesta, com todos os seus alvitre em relação ao envolvimento excessivo com os sindicatos, não se furtou a colaborar com a União Sindical Italiana, de orientação sindicalista revolucionária. Mas, o conflito mundial viria alterar sensivelmente o quadro político e a correlação de forças nos meios operários. A Segunda Internacional encerraria suas atividades, malogradas as suas manobras políticas em relação à Guerra, em 1914, e uma nova força revolucionária viria a ter visibilidade com a Revolução Russa.

REVOLUÇÃO RUSSA E ANARQUISMO

A partir de 1917, o proletariado internacional não apenas ganhava mais uma alternativa para a luta contra o capital, como também, passava a ter uma “pátria”. O processo que parecia plural até 1921, ano do massacre de marinheiros e anarquistas em Kronstadt, pelo Exército Vermelho, marcaria a ascensão do bolchevismo, expressão do marxismo-leninismo, não apenas na Rússia.

A Guerra Civil na Rússia era o aspecto inusitado, e também uma resultante, do conflito do “Imperialismo burguês”. Em meio às transformações sociais em curso no país, acontecia, no mesmo território, uma luta de envergadura internacional para redefinição das fatias destinadas às nações virtualmente vencedoras da Grande Guerra. Os russos tentavam resolver problemas seculares em meio a uma conflagração mundial. Nesse contexto, o Exército Vermelho, os Russos Brancos, aliados das forças conservadoras, e as guerrilhas independentes, cada qual, travava seu combate encarniçado pelo estabelecimento de um projeto de país adequado aos seus interesses. Uma fenda profunda cindia a “grande pátria eslava”, e dela brotavam todas as contradições sublimadas pelos séculos de violência e opressão do regime czarista.

Os anarquistas, diante desta situação, após terem participado da formação dos soviets, em 1905, e na construção de algumas organizações nos centros urbanos, não possuíam força suficiente para uma oposição mais sistemática à vertente bolchevista do Partido Operário Social-Democrata da Rússia. Estes, em outubro de 1917, ao substituírem os membros do governo provisório, organizado em fevereiro do mesmo ano, ficaram também com alguns “quadros” militares do czarismo e grande parte do arsenal de guerra. Após perseguição sem tréguas a socialistas revolucionários, democratas burgueses e anarquistas, os bolchevistas cresceram na mesma proporção do aparelhamento político

que fizeram de tudo e de todos.

Mas, a despeito da força bolchevista, uma guerrilha camponesa, na Ucrânia, tendo à frente os anarquistas Nestor Makhno e Piotr Archinov, entre outros, levantou-se com extraordinário vigor contra as iniquidades promovidas por “brancos” e “vermelhos”. Valendo-se de uma tradição imemorial presente em algumas povoações próximas ao rio Don e, no melhor estilo de Stenka Razin, cossaco lendário pelas suas lutas contra a opressão, no século XVII, o exército insurrecional de Makhno foi capaz de impor fragorosas derrotas às forças inimigas. Os sucessos militares do cossaco de Gulai-Polie, sua aldeia natal, e as inúmeras lendas que passaram a envolver seu nome, entretanto, não foram suficientes para evitar a traição bolchevista. Após ver seu exército de camponeses destroçado e boa parte da resistência ao novo regime migrar para o exílio, Makhno foi obrigado a fugir para o ocidente da Europa. Sua trajetória, até chegar à França, onde trabalharia nas mais humildes profissões, foi uma saga à parte de tudo pelo que havia passado nos anos anteriores.

A POLÊMICA EM TORNO DA “PLATAFORMA DE ORGANIZAÇÃO”

No exílio francês, juntamente com o grupo de anarquistas *Dielo Trouda*, composto por militantes que, como ele, haviam participado da luta contra as forças da reação na Rússia, tornou-se um crítico mordaz dos anarquistas que não enveredaram pela luta armada, em tão propício momento para tal atitude. Com base em sua experiência guerrilheira, creditou parte de sua derrota à falta de apoio de setores do anarquismo que, quer por concepções equivocadas, quer por simples imobilismo, não souberam interpretar as oportunidades oferecidas pela vaga revolucionária que varria aquele país.

Como resultado de suas reflexões, partindo de sua ação armada na Ucrânia, Makhno e Archinov escreveriam um texto síntese de proposta organizacional, a Plataforma de Organização, em 1926. Nela estavam todos os elementos de uma vivência intensa e dedicada à revolução social, além, é claro, de uma concepção marcada pela imagem, reeditada na Revolução Espanhola, cerca de uma década após, do “Povo em Armas”. Todavia, não apenas propostas trazia a Plataforma: além de suscitar na França, dez anos depois do início da Revolução Russa, a construção de uma organização de bases rígidas, ela deslocava o eixo da discussão das táticas anarquistas para um campo repleto de celeumas e dissensões. Volin, que havia sido membro por algum tempo do exército makhnovista, e colaborava sistematicamente com o grupo de Makhno, chegaria mesmo a elaborar um outro programa, em grande medida discordante da Plataforma, evocando para legitimidade deste suas raízes russas. Sébastien Faure, figura importante do anarquismo, escreveria também um contradito que expressava sua leitura de organização e que ficaria conhecido como a Síntese.

Para o veterano Malatesta, que havia assistido à passagem de muitos anarquistas às fileiras do bolchevismo, tal rigidez nas funções estabelecidas na Plataforma poderia ser um “sinal dos tempos”, o que já justificava uma resposta. Tendo como base a conjuntura da época, em particular da Europa Ocidental, marcada pelo avanço da Terceira Internacional e pela ascensão do fascismo na Itália, Malatesta fez uma crítica à Plataforma, de fato muito severa. Esta crítica tingia de cores fortes a iniciativa dos plataformistas russos, que ele, pelo menos inicialmente, considerou centralista. Como questão de fundo, Malatesta potencializou a memória recente de traições e atos desleais levados a efeito pelos bolchevistas, entendendo que a Plataforma defendia qualidades semelhantes às encontradas nas organizações inspiradas no marxismo-leninismo. Malatesta também tinha em mente a idéia de que um grupo específico de anarquistas, com fortes convicções ideológicas, deveria influenciar o movimento social, mas desconfiava de toda e qualquer centralização.

Não fica também difícil imaginar que, como último membro da Fraternidade Internacional, idealizada por Bakunin, egresso das lutas na Primeira Internacional, e formulador, com tantos

outros como Kropotkin, Reclus e Cafiero, do comunismo libertário, Malatesta mantivesse uma distância crítica de qualquer via que acreditasse não ser federativa. Para ele, os ecos da luta armada na qual estivera envolvido Makhno, haviam se perdido nas brumas do tempo e eram inaudíveis aos militantes anarquistas daquele momento. Assim, insistir em uma organização com estrutura militarizada era, no mais, um anacronismo perigoso que, fora do contexto específico, poderia servir como uma via de acesso da cultura política centralista aos meios libertários.

As preocupações de Malatesta, parcialmente expressas no artigo ao jornal *Il Risveglio*, de outubro de 1927, muito provavelmente por sua importância política nos meios libertários, não funcionou apenas como uma reflexão a respeito de uma proposta de organização. As críticas à Plataforma de Organização ganharam dimensão de polêmica nos veículos de propaganda e opinião do anarquismo. Tal fato repercutiu de tal forma no ambiente revolucionário que mereceu de Makhno uma resposta a Malatesta e uma seqüência infundável de opiniões e esclarecimentos. Como tudo em que se envolvia o velho agente italiano da Internacional, virou polêmica clássica e afeta até hoje os debates sobre organização onde quer que estejam os anarquistas.

Notas:

1 Marc Bloch. *Introdução à História*. Lisboa, Europa América, s.d. p. 26.

2 Maurice Joyeux. *Maiô de 68: os anarquistas e a revolta da juventude*. São Paulo, Imaginário/Faísca, 2008 p. 99.

3 George Woodcock. *O Anarquismo*. Lisboa, Meridiano, 1971, p. 58.

4 M. A. Bakunin. *Textos Anarquistas*. Porto Alegre, LP&M, 2002, p. 134.

5 Embora Tolstoi poucas vezes tenha se identificado claramente como anarquista, ele, apesar de seu essencialismo cristão, encontra-se arrolado em todas as grandes sínteses de história do anarquismo. Godwin e Stirner, jamais se identificaram como libertários.

6 Jean Bancal. *Proudhon – pluralismo e autogestão*, vol. 1. Brasília, Novos Tempos Editora, 1984, p. 19.

7 J.-P. Proudhon. *Textos Escolhidos*. Porto Alegre, LP&M, 1983, p. 96.

8 Max Nettlau. *La anarquia a traves de los tiempos*. Madrid, Jucar, 1978, p. 89.

9 *ibidem*, p. 103.

10 *ibidem*.

11 *ibidem*.

12 *ibidem*.

13 Ver também Karl Marx and Frederick Engels. *Selected Correspondence*. Moscow, Progress Publishers, 1965, pp. 234-251.

14 *ibidem*, p. 118.

15 Cafiero e Malatesta teriam aderido ao grupo ainda quando de suas detenções por crime de “sedição” na Itália.

CURSO 5

REVOLUÇÃO ESPANHOLA

QUANDO A ESPANHA REVOLUCIONÁRIA VIVIA EM ANARQUIA

Frank Mintz e Frédéric Goldbronn

Para defender a ordem das coisas, basta amiúde sustentar que toda tentativa para dela afastar-se desemboca obrigatoriamente na tirania ou no caos. A história é rica em exemplos contrários, que estabeleceram o caráter eterno da revolta, da aspiração à democracia e à solidariedade. Durante alguns meses, no momento da guerra civil espanhola, algumas regiões do país defenderam um modo de governo inédito, que simultaneamente se opunha ao poder dos possuidores, dos notáveis e dos burocratas. Historiadores e realizadores lembram-nos esse parêntese entregue à utopia.

“No momento em que os apóstolos do São Lucro perfumam-se de bom grado com uma gota de Anarchiste (última criação de um perfumista parisiense), é difícil imaginar a amplitude da revolução libertária conduzida pelos trabalhadores espanhóis nas zonas onde eles levaram ao fracasso o pronunciamento dos generais contra a República, em 18 de julho de 1936. Nós, anarquistas, não partimos à guerra pelo prazer de defender a república burguesa (...) Não, se pegamos em armas foi para pôr em prática a revolução social” (Patricio Martínez Armero, citado por Abel Paz, *La colone de Fer*, éd. Libertad-CNT, Paris, 1997) recorda um ex-miliciano da **Coluna de Ferro** (essa milícia anarquista, conhecida por sua intransigência revolucionária, combateu notadamente no *front* de Teruel).

A coletivização de amplos setores da indústria, dos serviços e da agricultura constituiu, com efeito, um dos traços mais extraordinários dessa revolução. Essa escolha adquiria raízes na fortíssima politização da classe operária espanhola, organizada principalmente no seio da Confederação Nacional do Trabalho (C.N.T., anarco-sindicalista).

Numa Espanha que contava naquele momento 24 milhões de habitantes, o sindicato anarquista tinha mais de um milhão de aderentes e – fato único na história do sindicalismo – um único permanente remunerado no plano nacional.

Alguns meses antes do golpe de Estado militar do 18 de julho de 1936, o congresso de Saragoça (maio de 1936) da C.N.T. adotara uma moção sem deixar nenhuma dúvida quanto à sua concepção da ação sindical:

“Uma vez concluída a fase violenta da revolução, serão declarados abolidos a propriedade privada, o Estado, o princípio de autoridade, e por consequência, as classes que dividem os homens em exploradores e explorados, opressores e oprimidos. Uma vez socializada a riqueza, as organizações de produtores, enfim livres, encarregar-se-ão da administração direta da produção e do consumo” (moções do congresso de Saragoça da C.N.T.).

Tal programa foi posto em prática pelos próprios trabalhadores, sem esperar nenhum tipo de comando de seus “chefes”. A cronologia dos acontecimentos na Catalunha oferece um bom exemplo disso.

Em Barcelona, os comitês dirigentes da C.N.T. Lançaram o apelo à greve geral em 18 de julho de

1936, mas sem dar a ordem de coletivização. Ora, desde 21 de julho, os ferroviários catalães coletivizavam as ferrovias. No dia 25, foi a vez dos transportes urbanos, bondes, metrô e ônibus, depois, em 26, a da eletricidade e em 27, a vez das agências marítimas. A indústria metalúrgica foi imediatamente reconvertida na fabricação de veículos blindados e de granadas para as milícias que partiam combater no *front* de Aragão.

“Em alguns dias, 70% das empresas industriais e comerciais foram tomadas pelos trabalhadores nessa Catalunha que concentrava sozinha dois terços da indústria do país (C. Maura, *Révolution et contre-révolution em Catalogne*, éd. Mame, 1974)”.

George Orwell, em seu famoso “*Homenagem à Catalunha*” descreveu esse júbilo revolucionário:

“O aspecto arrebatador de Barcelona superava toda expectativa. Era a primeira vez em minha vida que eu me encontrava numa cidade onde a classe operária tinha vencido. Aproximadamente todos os imóveis de alguma importância tinham sido tomados pelos operários e sobre todos flutuavam bandeiras vermelhas ou as bandeiras rubro-negras dos anarquistas (...). Toda loja, todo café portava uma inscrição informando que tinha sido coletivizado; até as caixas dos engraxates foram coletivizadas e pintadas de vermelho e preto! (...) Tudo isso era estranho e emocionante. Uma boa parte disso permanecia para mim incompreensível e, inclusive, num certo sentido, não me agradava: mas havia ali um estado de coisas que me pareceu de imediato como valendo a pena que se lutasse por ele (George Orwell, *Hommage à Catalogne*, éd. Champ libre, 1982).

Inúmeros são os estrangeiros que, a exemplo de Franz Borkenau, experimentaram esse “formidável poder de atração da revolução.” Em *Spanish Cockpit* (éd. Champ libre, 1979), ele conta o caso de um jovem empreendedor americano, cujo negócio foi praticamente arruinado pela revolução, e que, no entanto, permanece muito favorável aos anarquistas, dos quais admira em particular o desprezo pelo dinheiro. Recusa-se a partir pois

“ele ama esse solo, ama esse povo e pouco lhe importa, diz ele, ter perdido seus bens se a velha ordem das coisas desmorona para dar lugar a uma cidade dos homens mais elevada, mais nobre e mais feliz.”

O movimento das coletivizações teria concernido entre um milhão e meio e dois milhões e meio de trabalhadores (Frank Mintz, *Autogestion et anarcho-sindicalisme*, éd. CNT, 1999), mas é difícil fazer disso um balanço preciso: não existem estatísticas globais, e muitos arquivos foram destruídos. Pode-se, contudo, apoiar-se sobre dados fragmentários publicados na imprensa, em particular sindical, e sobre os numerosos testemunhos de atores e observadores do conflito.

A GUERRA DEVORA A REVOLUÇÃO

Nas empresas coletivizadas, o diretor era substituído por um *comité eleito*, composto por membros dos sindicatos. Ele podia continuar a trabalhar em sua antiga empresa, mas com um salário igual àquele dos outros empregados. A atividade de certos ramos como o madeireiro, foi unificada e reorganizada, da produção à distribuição, sob a égide do sindicato do ramo. Na maioria das empresas de capitais estrangeiros (telefone, algumas grandes fábricas metalúrgicas, têxteis ou agro-alimentícias), se o proprietário (americano, britânico, francês ou belga) permaneceu oficialmente no local para não apavorar as democracias ocidentais, um *comité operário* assumiu a gestão. Só os bancos escaparam do maremoto *coletivista* e passaram sob controle do governo. Este dispunha, assim, de um importante meio de pressão sobre as coletividades que conheciam dificuldades de caixa.

O modo de organização do sindicato inspirou o dos ramos socializados: comitê de fábrica eleito pela assembléia dos trabalhadores, comitê local reunindo os delegados dos comitês de fábrica da localidade, comitê de zona, comitê regional, comitê nacional. Em caso de conflito em escala local, a assembléia plenária dos trabalhadores decidia. Em caso de conflito em nível mais elevado, as assembléias de delegados ou os congressos o faziam.

Mas por causa de sua presença e de sua força, a C.N.T. Detinha, *de fato*, o poder na Catalunha.

O funcionamento das coletividades aparecia, pois, muito heterogêneo. Na *Ferrovía de Catalunha*, por exemplo, onde o conjunto dos assalariados percebia uma remuneração anual de 5.000 pesetas, decidiu-se, todavia, que o pessoal mais qualificado receberia um suplemento de 2.000 pesetas por ano. Em 1938, o salário único era regra em Lérida, no setor da construção civil, mas em Barcelona um engenheiro continuava a receber dez vezes mais que um operário. Uma das mais importantes indústrias da Catalunha, a têxtil, promulgou a semana de quarenta horas, reduziu as diferenças de salário entre técnicos e operários, e suprimiu o trabalho por peças das operárias... mas a diferença salarial entre homens e mulheres persistiu na maioria dos casos.

A situação degradou-se com o passar dos meses, malgrado todos os esforços das coletividades para modernizar a produção. No campo econômico bem como nos outros, a guerra devorava a revolução. Faltavam as matérias-primas e os mercados tornavam-se cada vez mais raros, por causa da progressão territorial dos militares insurretos. Por sinal, o esforço concentrando-se na indústria militar, a produção desmoronou nos outros setores, arrastando com ela o pessoal técnico, provocando uma penúria de bens de consumo, uma falta de recursos financeiros e uma inflação galopante.

Diante dessa situação, todas as coletividades não eram iguais. Fim de dezembro de 1936, uma declaração do sindicato da madeira, publicada no Boletim C.N.T.-F.A.I., indignou-se com isso reivindicando.

“um caixa comum e único entre todas as indústrias, para chegar a uma partilha equitativa. O que não aceitamos, é que haja coletividades pobres e outras ricas.” (Carlos Semprun Maura, *op. Cit.*).

Um artigo de fevereiro de 1938 dá uma idéia dessa disparidade:

“As empresas coletivizadas pagam 120, no máximo 140 pesetas por semana, e as coletividades rurais 70 em média. Os operários da indústria de guerra recebem 200, e até mais, por semana.” (artigo de Augustin Souchy em *Solidaridad Obrera*, jornal da C.N.T., fevereiro de 1938).

Essas desigualdades iriam conduzir alguns revolucionários a evocar a ameaça de um “neo-capitalismo operário” (Gaston Leval, *Espagne libertaire*, ed. Du Monde Libertaire).

Em outubro de 1936, a *Generalitat* (governo catalão) ratificou por decreto a existência das coletividades e tentou planificar sua atividade. Ela decidiu nomear *controladores* governamentais nas empresas coletivizadas. Com o enfraquecimento político dos anarquistas, estes últimos logo iriam servir ao restabelecimento do controle do Estado sobre a economia.

COLETIVIDADES AGRÁRIAS

Sem que ninguém, nenhum partido, nenhuma organização desse ordens para proceder nesse sentido (Abad de Santillan, *Por qué perdimos la guerra*, Buenos Aires, Iman, 1940) coletividades agrárias formaram-se igualmente.

A coletivização concerniu, sobretudo às grandes propriedades, cujos proprietários fugiram para a zona franquista ou foram executados. Em Aragão, onde as milícias da Coluna Durruti[1], desde o fim de julho de 1936, impulsionaram o movimento, este último tocou quase todos os vilarejos: a *Federação da coletividades* reagrupava meio milhão de camponeses.

Reunidos na praça do vilarejo os títulos de propriedade fundiária eram queimados. Os camponeses traziam tudo o que possuíam à coletividade: terras, instrumentos de trabalho, animais para arado e outros. Em certos vilarejos, o dinheiro foi abolido e substituído por bônus. Esses bônus não constituíam uma moeda: eles permitiam a aquisição, não de meios de produção, mas apenas de bens de consumo, e ainda em quantidade limitada.

O dinheiro que tinha sido estocado pelo Comitê era utilizado para comprar no exterior os produtos que faziam falta e que não podiam ser trocados. Visitando a coletividade de Alcora, um grande burgo de 5.000 habitantes, Kaminski observa:

“Eles detestam o dinheiro, querem bani-lo, pela força e pelo anátema [mas é] um mal, válido enquanto o resto do mundo não tiver ainda seguido o exemplo de Alcora.”

Contrariadamente ao modelo estatista soviético, a entrada na coletividade percebida como um meio de vencer o inimigo, era voluntária. Aqueles que preferiam a fórmula da exploração familiar continuavam a trabalhar sua terra, mas não podiam explorar o trabalho alheio, nem beneficiar-se dos serviços coletivos. Por sinal, as duas formas de produção amiúde coexistiram, não sem conflitos, como na Catalunha, onde os meeiros tornaram-se proprietários de seu terreno. O uso em comum permitia evitar o parcelamento das terras e modernizar a exploração destas últimas.

Os operários agrícolas, que alguns anos antes quebravam as máquinas para protestar contra o desemprego e a redução salarial, utilizaram-nas de bom grado para facilitar seu trabalho. Desenvolveu-se a utilização de adubos e avicultura, os sistemas de irrigação e as vias de comunicação. Na região de Valência, reorganizou-se, sob a égide dos sindicatos, a comercialização das laranjas, cuja exportação fornecia uma importante fonte de divisas. As igrejas que não foram queimadas foram transformadas em prédios civis: entrepostos, salas de reunião, teatros ou hospitais [segundo o historiador Burnett Bollotten, “milhares de pessoas pertencentes ao clero e às classes proprietárias foram massacradas”, na maioria das vezes em represália aos massacres franquistas (*La Révolution espagnole*, ed. Ruedo Ibérico, Paris, 1977)].

E visto que o credo anarquista fazia da educação e da cultura os fundamentos da emancipação, escola, bibliotecas e clubes culturais foram criados até nas aldeias mais recuadas.

A assembléia geral dos camponeses elegia um comitê de administração, cujos membros não recebiam nenhuma vantagem material. O trabalho era efetuado em equipes, sem chefe, esta função tendo sido suprimida. Os conselhos municipais confundiam-se frequentemente com os comitês, que constituíam de fato os órgãos do poder local. Geralmente o modo de remuneração era o salário familiar, sob forma de bônus lá onde o dinheiro tinha sido abolido.

Em Asco, na Catalunha, por exemplo, os membros das coletividades recebiam um carnê de família. No verso da carta havia um calendário para marcar as datas de compra dos víveres, que só podiam ser recebidos uma vez por dia nos diferentes centros de abastecimento. Essas cartas eram de diferentes cores a fim de que aqueles que não soubessem ler pudessem distingui-las facilmente. A

coletividade remunerava ao mesmo tempo o professor, o engenheiro e o médico, cujos atendimentos eram gratuitos.

Esse modo de funcionamento não era desprovido nem de torpor nem de contradições. Kaminski conta como, em Alcora, um jovem, que queria visitar sua noiva que vivia numa aldeia vizinha, devia obter o consentimento do comitê para troca seus bônus por dinheiro para que pudesse pagar o ônibus. A concepção ascética que os anarquistas tinham da nova sociedade, amiúde se entendia bem com a velha Espanha puritana e machista. Daí, sem dúvida, o paradoxo do salário familiar, que deixava “o ser mais oprimido da Espanha, a mulher, sob a inteira dependência do homem.” (Haminsk, *Ceux de Barcelone*, ed. Allia, Paris, 1986).

A CONTRA-REVOLUÇÃO

As coletividades iriam chocar-se contra as forças políticas hostis à revolução, inclusive no interior do campo republicano. Fraco em julho de 1936, o Partido Comunista da Espanha (P.C.E.) viu crescer sua importância com a ajuda soviética. Ele aplicou a estratégia, pregada por Moscou, de aliança com a pequena e média burguesia contra o fascismo. Como o observa Borkenau: “os comunistas não estão com os trabalhadores contra o *kulak*, mas com o *kulak* contra os sindicatos”.

Assim, no Levante, o ministro comunista da agricultura Vicente Uribe não hesitou em confiar a comercialização das laranjas a um organismo ao mesmo tempo do comitê sindical e ligado, antes da guerra, à direita católica, regionalista e conservadora.

Após as jornadas de maio de 1937, durante as quais os stalinistas e o governo catalão tentaram, ao desencadear confrontos sangrentos em Barcelona, apoderar-se das posições estratégicas ocupadas pelos anarquistas e pelo Partido Operário de Unificação Marxista (P.O.U.M., anti-stalinista), o governo central anulou o decreto de outubro de 1936 sobre as coletivizações e assumiu diretamente a defesa e a polícia da Catalunha. Em agosto de 1937, as minas e as indústrias metalúrgicas passaram sob controle exclusivo do Estado. No mesmo momento, as tropas comunistas comandadas pelo general Lister tentaram dismantelar pelo terror as coletividades de Aragão. Reduzidas e atacadas por todos os lados, elas sobreviveram, contudo, até a entrada das tropas franquistas.

No momento da entrada dos anarquistas no governo republicano, Kaminski interrogava-se quanto aos riscos da “eterna traição do espírito pela vida”. A vitória do general Franco liquidou essas interrogações.

Vestida de vermelho e negro, a Espanha libertária entrou na história, indene às desilusões desse século. Um dia, um povo *sem deus nem amo* fez fogos jubilosos com títulos bancários. Nestes tempos em que o dinheiro é rei, eis com que podemos nos reconfortar.

Nota:

1. Buenaventura Durruti, nascido em 1896, militante da U.G.T depois da C.N.T. Quando ocorre o golpe de Estado franquista de 1936, põe-se à frente de uma milícia que desempenha um papel importante nos combates em Barcelona, depois em Aragão, e, enfim, no *front* de Madrid. Foi ali, em 20 de novembro de 1936, que ele foi mortalmente ferido em circunstâncias controversas.

* Tradução: Plínio A. Coêlho

* Artigo publicado na revista *Libertários* 1

* Digitalização: Rafaela C. G.

CURSO 6

REVOLUÇÃO NA RÚSSIA E NA UCRÂNIA

REVOLUÇÃO RUSSA

Milton Lopes

A Rússia, em um movimento que apresenta certa semelhança com os ocorridos em países como a China e o Japão, lança-se a partir da segunda metade do século XIX na busca pela modernização e adoção de ciência, tecnologia e padrões econômicos e culturais que têm a Europa Ocidental como matriz. A chamada Revolução Industrial e o capitalismo também chegam à Rússia. De 1900 a 1905, a produção de petróleo, carvão de pedra e metais aproximava-se de países industriais. Os meios de comunicação multiplicavam-se e modernizavam-se. Fábricas de equipamentos empregavam a mão-de-obra de dezenas de milhares de operários. Por volta de 1905 já havia 3 milhões de operários na Rússia. A instrução também se expandia. Em 1905 havia 30 universidades na Rússia e o ensino médio e primário ampliava-se. Entre 1892 e 1903 desenvolveu-se uma política econômica de estímulo à entrada do capital estrangeiro, principalmente francês. Em 1911, 80% da dívida externa russa era devida a capitais franceses.

Em meio a este nascente e crescente capitalismo que convive com uma autocracia e uma aristocracia hegemônicas, ainda calcadas na Idade Média e uma onipresente polícia secreta, para a qual qualquer divergência é tida como subversiva e reprimida com a máxima severidade, surgem também as idéias socialistas, tendo sempre que transitar na clandestinidade. Inicialmente na década de 1870 surge o movimento populista, que levou este nome por ter a orientação de “ir ao povo” no sentido de mobilizá-lo para a instrução e reformas políticas e sociais. Este dará origem ao Partido Socialista Revolucionário, com forte base rural e ao Partido Social Democrata Russo (1898) e sua divisão entre mencheviques e bolcheviques. O movimento anarquista também faz sua aparição no interior da Rússia, já a partir da última década do século XIX. No entanto, mais importante do que o aparecimento destas tendências socialistas nos acontecimentos de 1905 e 1917 será a organização popular, a partir das bases, combatendo qualquer verticalismo e praticando a ação direta e a autogestão do trabalho e dos meios de produção.

Já a partir de 1903 a Rússia passa a ser palco de crescentes agitações, greves industriais, motins nas zonas rurais e manifestações estudantis. Com o objetivo de desviar a atenção do povo dos graves problemas sociais, econômicos e políticos, o governo inicialmente apela para o anti-semitismo, financiando publicações e grupos racistas que realizam diversos massacres. A seguir, os esforços do governo para distrair a atenção do povo voltam-se para a guerra externa. Em fevereiro de 1904 a Rússia entra em guerra com o Japão, cujo imperialismo batia de frente com o seu no Extremo Oriente. Sucessivas derrotas na frente de batalha e o agravamento da situação de carência da população levam a uma insatisfação popular generalizada, com a eclosão de diversas greves. No dia 22 de janeiro de 1905, no que ficou conhecido como “Domingo Sangrento”, tropas fuzilam a multidão que se dirigia ao Palácio de Inverno para levar reivindicações, causando a morte de centenas de homens, mulheres e crianças.

Com o fim das greves, surge a idéia, entre os próprios trabalhadores, de se criar uma organização permanente que vigiaria o desenrolar dos acontecimentos, informando os trabalhadores sobre a situação e que poderia reunir, à sua volta, as forças operárias revolucionárias. Tais organizações, denominadas soviets (conselhos, em russo) espalharam-se. Os soviets regularão o ritmo dos acontecimentos revolucionários na Rússia em 1905. Em S. Petersburgo deles participavam os 200 mil operários da capital. Os mais hostis a esta forma de organização dentro da esquerda na época foram os bolchevistas que, fiéis ao pensamento centralizador, autoritário, verticalista e estatal do marxismo, consideraram que “só um partido sobre uma base classista pode dirigir o movimento político do proletariado e conservar a pureza de seus objetivos”.

No decorrer de 1905 mais derrotas militares fazem com que a agitação cresça mais. Em outubro, a tripulação do couraçado *Potenkim* revolta-se. No mesmo mês, uma greve geral paralisa o país, organizada por numerosos comitês de trabalhadores. Em dezembro explode a insurreição armada em Moscou, com a participação ativa dos anarquistas da cidade. A falta de entrosamento dos insurretos para uma nova greve geral programada faz com que a rebelião em Moscou seja sufocada com o apoio de tropas de S. Petersburgo em janeiro de 1906. Apesar da terrível repressão que se estabeleceu sobre o movimento social ao fim da revolução, o cenário para uma nova revolução, de que 1905 seria apenas o ensaio geral, estava armado. Os soviets desaparecem com a reação. Irão ressurgir em 1917, estendendo-se no período de 1917 a 1923 à Alemanha, Europa Central e Itália.

Sustentada por novos empréstimos da França e pela repressão total, as classes dominantes da Rússia lançam-se à nova aventura militar, desta vez em uma guerra mundial em 1914 contra a Alemanha. Mais uma vez as sucessivas derrotas sofridas pelo exército russo agravam os sofrimentos da população. Em fevereiro de 1917 diversos regimentos se amotinam em S. Petersburgo e surge um governo provisório aclamado pelo parlamento. Renascem os soviets de 1905 que os bolchevistas desta vez parecem apoiar. Lênin emite a palavra de ordem “Todo Poder aos Soviets”. No campo, no sul da Ucrânia os camponeses de Gulyai Polye, aldeia que desde a revolução de 1905 possuía forte organização anarquista, reúnem-se a 29 de março e fundam a uma União dos Camponeses. No mesmo ano a União dos Camponeses de Gulyai Polye decide lutar pela revolução social no campo independente do governo, a troca de produtos agrícolas por produtos industriais com os trabalhadores das cidades, que foi realizada na prática, e a autogestão dos meios de produção. Em abril um congresso dos comitês de fábricas reunido em Petrogrado declara que eles são a única instância para decidir sobre a administração interna das fábricas, e em junho outra conferência destas comissões pede o controle absoluto dos trabalhadores sobre a produção e distribuição. A 4 de julho, 12 mil marinheiros de Kronstadt portando bandeiras vermelhas e negras marcham sobre Petrogrado com o fim de depor o Governo Provisório e instituir uma República Soviética e Autogestionária. A tentativa fracassa por falta de entrosamento entre os soldados e o sovieta da cidade. Mas a 25 de outubro soldados anarquistas e bolchevistas agindo de comum acordo conseguem tomar o Palácio de Inverno e efetivamente depor o governo de Kerensky. A partir deste momento haverá um divisor de águas entre os elementos revolucionários autoritários e os libertários, os primeiros apoderando-se do aparelho de Estado e caminhando para a ditadura do partido (bolchevista) único dirigido por um comitê central todo poderoso e os segundos para o comunismo libertário e autogestionário na forma dos conselhos de soviets de operários, camponeses e do povo em armas.

Embora em janeiro Lênin ainda declare no III Congresso dos Soviets que “as idéias anarquistas revestem, neste momento, formas vivas”, já a partir da primavera daquele ano os bolchevistas começam a negar a autogestão operária. Dentro de um quadro progressivo de suprimir, impedir e finalmente proibir a difusão das idéias e práticas libertárias. Em abril de 1918, Lenin vai contra o controle operário das fábricas, enfatizando que o importante para o operário é a disciplina, a obediência e para a gestão da produção a iniciativa individual ao estilo capitalista. Já a partir de 1918 é decretado que não poderá haver nenhuma oposição ao partido bolchevista senão dentro do próprio partido e nos anos seguintes, mesmo esta, será suprimida no Congresso do Partido de 1921. Em 1919, Trotski defende perante o Comitê Central do Partido Comunista a necessidade da militarização do trabalho, que virá a ser decretada. Os responsáveis eleitos nos soviets foram expulsos, sendo nomeados outros dispostos a obedecer em seu lugar, fundindo-se a responsabilidade pelos soviets com os organismos do partido bolchevique.

A 3 de março de 1918 o novo governo bolchevista assina o tratado de Brest Litovski com os alemães, que ocupam militarmente a Ucrânia. Na aldeia de Gulyai Polye uma forte organização anarquista com milícias camponesas armadas resolve ir à guerra de guerrilhas contra o exército de ocupação alemão e seu governo fantoche. Nos últimos meses do ano constituem a Confederação

Nabat (Alarme) que já em abril de 1919 critica os bolchevistas e se propõe com o povo em armas da região a defender a revolução contra os exércitos brancos de direita que pretendem restabelecer a antiga ordem reacionária. Como os bolchevistas precisam de Maknó, o Exército Vermelho o apóia a princípio. Em junho o comandante do Exército Vermelho, Leon Trotski decreta Maknó e a milícia maknovista fora da lei. Mas em agosto a ofensiva do general branco Denikin faz com que os bolcheviques vejam necessidade de nova colaboração. Após derrotar Denikin e Wrangel, Maknó é combatido e perseguido pelo Exército Vermelho, Maknó e outros companheiros rompem o cerco e refugiam-se na Romênia a 28 de agosto. Foi o fim do processo de socialização autogestionário na Ucrânia, revertido repressivamente pelos bolchevistas a favor de formas estatizantes e totalitárias de organização e controle social sob uma nova classe dirigente.

Perante a situação de escassez, os operários de diversas fábricas de Petrogrado entram em greve em fevereiro de 1921 reivindicando melhor alimentação e combustíveis com que passar o inverno. O exército entra em prontidão e a Tcheka também desde que as greves estavam proibidas na Rússia desde decreto de novembro de 1920. Os grevistas dirigem-se aos marinheiros revolucionários (e libertários) da base naval de Kronstadt que domina o porto de Petrogrado. A 1º de março os marinheiros exigem que os delegados dos soviets voltem a ser escolhidos por eleição, liberdade para os anarquistas e outros grupos de esquerda, que voltem a se reunir sindicatos e organizações camponesas, a libertação de presos políticos, a abolição dos oficiais políticos, a mesma alimentação para todos. No dia seguinte representantes bolchevistas indo a Kronstadt insultam os marinheiros e os grevistas, afirmando que o partido iria combatê-los até a morte. As greves terminam, mas a Tcheka detém as famílias dos marinheiros como reféns. A 5 de março Trotski envia ultimato aos marinheiros. A 7 de março começa o bombardeio à fortaleza e de 8 a 17 de março sucessivas ondas de ataque do exército vermelho tomam de assalto a fortaleza.

A Revolução Russa demonstrou como é possível perante uma vacilante forma estatal burguesa a reorganização da sociedade e da economia sobre fundamentos antiestatais e autogestionários, a partir da mobilização dos movimentos sociais pela base. Embora esta revolução proletária e libertária tenha sido usurpada e dominada pelos bolchevistas a partir de sua tomada do aparelho de Estado, aos anarquistas coube pecar por omissão na questão da organização. Se na Ucrânia um grupo anarquista pode mobilizar a grande maioria da população para um processo revolucionário de soviets livres, o que não aconteceria nos grandes centros onde sua presença militante era até maior? Para os anarquistas fica a reflexão e a análise sobre estes fatos.

O GRANDE OUTUBRO NA UCRÂNIA

Nestor Makhno

O mês de Outubro de 1917 é uma grande etapa histórica da Revolução russa. Esta etapa consiste na tomada de consciência dos trabalhadores – das cidades e do campo – dos seus direitos de controlar as suas próprias vidas e o seu património social e económico: o cultivo da terra, as habitações, as fábricas, as minas de carvão, os transportes e, enfim, a instrução, que servia outrora para destituir os nossos antepassados de todos esses bens.

Entretanto, do nosso ponto de vista, dar a Outubro todo o conteúdo da Revolução russa seria afastar-se muito da realidade. A Revolução russa foi preparada durante os meses que precederam Outubro, período no qual os camponeses e os operários se apoderaram do mais importante. A Revolução de Fevereiro pode servir de símbolo para os trabalhadores da sua libertação ulterior do jugo económico e político aos quais estavam submetidos. Constataram, sem hesitar, que a Revolução de Fevereiro tomou, na sua evolução, a forma degenerada de um produto da burguesia liberal, e, como tal, foi incapaz de se colocar na via da ação social. Os trabalhadores ultrapassaram imediatamente os limites instaurados pela Revolução de Fevereiro, e puseram-se a romper às claras todos os elos com o seu aspecto pseudo-revolucionário e os seus objetivos.

Esta ação revestiu dois aspectos na Ucrânia: no momento em que o proletariado das cidades, devido à fraca influência exercida sobre ele pelos anarquistas, por um lado, e a falta de informação, por outro, sobre as posições reais e os problemas internos dos partidos, considerava que colocar os bolcheviques no poder era o dever mais importante na luta iniciada para o desenvolvimento da revolução, a fim de substituir a coligação dos socialistas-revolucionários de direita e da burguesia.

Durante esse tempo, no campo, em particular na parte zaporogue da Ucrânia, lá onde a autocracia nunca pôde abolir inteiramente o espírito livre, o campesinato trabalhador revolucionário considerava como o seu dever mais imperativo e importante o fato de empregar a ação revolucionária direta para se libertar o mais rápido possível dos pomestchikis e dos kulaks[1], estimando que esta emancipação facilitaria a vitória contra a coligação político-social-burguesa.

É por isso que os camponeses começaram, na Ucrânia, a sua ofensiva, ao confiscar as armas dos burgueses (a marcha do general Kornilov sobre Petrogrado em muito contribuiu para isto, em Agosto de 1917), recusando pagar, em seguida, a segunda parcela anual de impostos sobre a terra aos proprietários e kulaks.

Essa terra, que os agentes da coligação se esforçavam, com zelo, para retirar das mãos dos camponeses, para a conservar nas mãos dos proprietários, com o pretexto de que o governo devia observar o status quo até à decisão da Assembléia Constituinte.

Os camponeses puseram-se, então, a expropriar diretamente os pomestchikis, kulaks, dos mosteiros e das terras do Estado, assim como do gado, instituindo, sempre diretamente, comitês locais de gestão desses bens, para a sua repartição entre os diferentes vilarejos e comunas.

Um anarquismo instintivo transparecia em todas as intenções dos camponeses da Ucrânia naquele momento, exprimindo um ódio não-dissimulado por toda a autoridade estatal, acompanhada de uma aspiração a dela se libertar.

Esta aspiração era muito forte entre os camponeses. Consistia, em substância, em libertar-se das instituições da polícia, do juiz enviado do centro pela burguesia, e assim por diante. Essa aspiração

exprimiam-se, na prática, em muitas regiões da Ucrânia. Há inúmeros exemplos testemunhando de que maneira os camponeses das províncias de Ekaterinoslav, de uma parte de Tavripol e de Kherson, de Poltava e Kharkov expulsaram a polícia dos vilarejos, ou, então, retiraram-lhe o direito de prender, sem antes se dirigir aos comitês de camponeses e às assembléias dos vilarejos; os polícias estavam reduzidos a representar o papel de mensageiros das decisões tomadas... O mesmo ocorria com os juizes.

Os próprios camponeses julgavam todos os delitos, durante as assembléias ou reuniões, privando de todo o direito de jurisdição os juizes enviados pela autoridade central. Os juizes caíam, às vezes, em tal desgraça junto aos camponeses que, amiúde, eram obrigados a fugir e a esconder-se.

Tal comportamento dos camponeses para com os seus direitos individuais e sociais obrigou-os naturalmente a temer que a palavra de ordem "Todo o poder aos soviets" se transformasse num poder de Estado: estes temores não se manifestavam, talvez, tão claramente no proletariado das cidades, que estava mais sobre influência dos social-democratas e dos bolcheviques.

Para os camponeses, o poder dos soviets locais significava transformar esses órgãos em unidades territoriais autônomas, sobre a base do agrupamento revolucionário e autogestionário socioeconômico dos trabalhadores, na via da construção de uma nova sociedade. Assim compreendendo esta palavra de ordem, os camponeses fizeram-na sua, aplicaram-na, desenvolveram-na e defenderam-na contra os ataques dos socialistas-revolucionários de direita, dos cadetes e da contra-revolução monarquista.

Outubro ainda não havia ocorrido quando os camponeses, em inúmeras regiões, recusaram-se a pagar os impostos de arrendamento aos pomestchikis e aos kulaks, confiscaram-lhes as terras e o gado, em nome das suas coletividades, enviaram, em seguida, delegados ao proletariado das cidades para se entender com ele quanto ao controle das fábricas, empresas, etc., e estabelecer elos fraternos a fim de construir, juntos, a nova e livre sociedade dos trabalhadores.

Naquele momento, a aplicação prática das idéias do "grande Outubro" não tinha sido adotada pelos seus inimigos, e era muito criticada nos grupos, organizações, partidos, e seus comitês centrais. Desse modo, o grande Outubro, na sua designação cronológica oficial, aparece aos camponeses revolucionários da Ucrânia como uma etapa já alcançada.

Durante as jornadas de Outubro, o proletariado de Petrogrado, Moscou e outras grandes cidades, assim como os soldados e camponeses se avizinhavam destas cidades, sob a influência dos anarquistas, dos bolcheviques e dos socialistas revolucionários de esquerda, regularizaram e expressaram politicamente com maior precisão o motivo que levou os camponeses revolucionários de inúmeras regiões da Ucrânia a lutar ativamente, já a partir do mês de Agosto, em condições muito favoráveis do ponto de vista do proletariado urbano.

As repercussões da vontade proletária de Outubro chegaram à Ucrânia com um mês e meio de atraso. Ela manifestou-se, inicialmente, por apelos de delegados e partidos, em seguida, por decretos do Soviete dos Comissários do Povo, em relação ao qual os camponeses ucranianos se conduziram com desconfiança, não tendo participado na sua designação.

Grupos de guardas vermelhos apareceram em seguida, vindos em parte da Rússia, atacando, em todos os lugares, os nós de comunicação e as cidades, para expulsar as tropas contra-revolucionárias dos cossacos da Rada[2] central ucraniana, tão contaminada pelo chauvinismo que não pôde ver nem compreender com quem e a que se aparentava a população trabalhadora ucraniana, nem o seu espírito revolucionário manifestado no combate pela sua independência social e política.

Ao fazer esta análise do grande Outubro, no seu 10º aniversário, devemos ressaltar que o que fazíamos na Ucrânia, nos campos, integrou-se perfeitamente, ao fim de dois meses, às ações dos trabalhadores revolucionários de Petrogrado, de Moscou e das outras grandes cidades.

Tanto estimamos a fé revolucionária e o orgulho manifestado pelos camponeses ucranianos antes de Outubro, como celebramos, também, e nos inclinamos diante das idéias, da vontade e da energia manifestadas pelos operários, camponeses e soldados russos durante as jornadas de Outubro.

É verdade que, ao tratar do passado, não é possível passar ao lado do presente, ligado de um modo ou de outro a Outubro.

Não podemos deixar de exprimir uma profunda dor moral pelo fato de, após dez anos, as idéias que encontraram a sua expressão em Outubro serem achincalhadas por aqueles, que em seu nome, chegaram ao poder e dirigem a partir daí a Rússia.

Nós exprimimos a nossa solidariedade entristecida por todos aqueles que lutaram conosco pelo triunfo de Outubro, e que apodrecem atualmente nas prisões e nos campos de concentração, cujos sofrimentos, sob a tortura e a fome, chegam até nós, e obrigam-nos a sentir, em vez de alegria pelo 10º aniversário do grande Outubro, uma profunda aflição.

Por dever revolucionário, elevamos mais uma vez a nossa voz para além das fronteiras da URSS: devolvam a liberdade aos filhos de Outubro, devolvam-lhes os seus direitos de se organizar e propagar as suas idéias.

Sem liberdade e sem direitos para os trabalhadores e para os militantes revolucionários, a URSS asfixia-se e mata tudo aquilo que tem de melhor nela. Os seus inimigos alegram-se com isso, e preparam-se em todos os lugares do mundo, com a ajuda de todos os meios possíveis, para esmagar a Revolução e a URSS com ela.

Notas:

1. Pomestchikis: grandes proprietários de terras; kulaks: ricos fazendeiros.
2. Rada: Assembléia Constituinte dos deputados na Ucrânia em 1918.

*Texto extraído de Os Anarquistas na Revolução Russa, organizado por Alexandre Skirda
Retirado da revista Libertárias nº1, Outubro/Novembro 1997, São Paulo.*

* Tradução: Plínio A. Coêlho

CURSO 7

ANARCO-COMUNISTAS NA BULGÁRIA

ANARQUISMO BÚLGARO

EM ARMAS

EXCERTOS

Michael Schmidt

A FEDERAÇÃO DOS ANARCO-COMUNISTAS DA BULGÁRIA (FAKB)

No quente ano de 1919, no auge da revolta global dos trabalhadores contra o capitalismo, os anarco-sindicalistas búlgaros (os primeiros grupos haviam se estabelecido em 1910) e o núcleo da antiga Federação Anarquista Macedônica e Búlgara (um núcleo que tinha sido fundado em 1909) chamaram o movimento para reorganizar-se. A Federação dos Anarco-Comunistas da Bulgária (FAKB) foi fundada em um congresso aberto pelo guerrilheiro anarquista Mikhail Gerdzhikov (1877-1947), um dos fundadores do Comitê Revolucionário Clandestino Macedônico (MTRK) em 1898 e comandante de seu Corpo de Primeira Linha na Revolta Macedônica de 1903. Esta poderosa força, de apenas 2.000 homens armados com rifles antigos, foi capaz de derrotar uma guarnição de 10.000 soldados turcos bem armados, criando uma zona libertada nas montanhas de Strandja, na Trácia, centrada na Comuna de Tsarevo (Vassiliko) – uma ação que foi fundamental para a queda do Império Otomano. O congresso de fundação da FAKB foi assistido por 150 delegados – sem contar aqueles que representavam órgãos clandestinos. A FAKB organizou-se como uma federação clandestina, de quatro núcleos anarco-comunistas regionais, subdividida em grupos de estudo, grupos sindicais e grupos de combate. Somente os militantes participavam, e sua atividade pública incluía viagens de propaganda por todas as cidades e vilarejos. A FAKB suspendeu o jornal *Rabotnicheska Misl (Pensamento dos Trabalhadores)*, renascido no primeiro pós-guerra, e deu a honra de ser seu porta-voz ao *Probuda (Despertar)*, de Gerdzhikov. A FAKB também decidiu que cada associado poderia ter sua própria imprensa. De acordo com Grancharoff:

“O anarquismo conseguiu tornar-se um movimento popular e penetrar em várias camadas da sociedade, desde trabalhadores, jovens e estudantes, até professores e servidores públicos. As atividades clandestinas ilegais do movimento continuaram.”

Deste modo, a FAKB ajudou a fundar, e trabalhou ao lado de organizações como a Federação Búlgara de Estudantes Anarquistas (BONSF); uma federação de anarquistas artistas, escritores, intelectuais, médicos e engenheiros; e a Federação da Juventude Anarquista (FAM), que tinha extensões nas cidades, nos vilarejos e em todas as grandes escolas.

Portanto, a FAKB constituía-se em seções: sindical, guerrilheira, profissional e de juventude, o que a diferenciava em toda a sociedade búlgara. Durante a greve de transportes de 1919/1920, os anarquistas planejaram armar os trabalhadores, mas a greve foi traída pelos partidos políticos de esquerda e ferozmente esmagada, com o *Probuda* sendo proibido por lei.

Um importante militante da FAKB foi Georgi Sheytanov (1896-1925)[3], chamado de Sheitanoff por Grancharoff, que veio do leste, da cidade de Yambol, tendo tornado-se anarquista ainda adolescente, e sendo forçado a exilar-se na França aos 17 anos, depois de ter escapado da prisão em que estava, por ter queimado os arquivos da Justiça local. Sheytanov retornou à Bulgária para realizar uma agitação anarquista clandestina em 1914, mas foi preso e torturado, escapando de novo, viajando para Moscou, onde presenciou em primeira-mão a revolução de 1917, e retornando à Bulgária em 1918, depois de ter escapado de um pelotão de fuzilaria dos brancos na Ucrânia. Na Bulgária, Sheytanov envolveu-se com o movimento anarquista novamente e lançou o famoso

“Apelo aos Anarquistas”, e o “Manifesto aos Revolucionários”, uma crítica anarquista do bolchevismo.

Em 1920, a social-democrata União Agrária Búlgara (BZS), representada por Aleksandar Stamboliyski, constituiu o primeiro governo socialista búlgaro, dentro dos quadros da monarquia constitucional do czar Boris III, criando condições para generalizar o protagonismo popular. Porém, assim como as “Guardas de Noske”, do Partido Social-Democrata na Alemanha, a BZS também criou a “Guarda Laranja”, como uma força antigreves. A direita pró-búlgara, Organização Interna Revolucionária da Macedônia (VMRO), que possuía orientação nacionalista, reconstruiu-se em 1920, e começou uma agitação para o retorno da Macedônia para a Bulgária. O Partido Comunista Búlgaro (BKP), que se desenvolveu fora da cisão social-democrata Tesni[b], e que aproximou os bolcheviques, cresceu rapidamente, tornando-se um dos maiores da Europa, mas continuou aderindo às táticas reformistas e tendo assentos no parlamento búlgaro. Depois da proibição do *Probuda*, em 1920, ele foi substituído pelo novo porta-voz da FAKB, *O Anarquista*, de Kyustendil, uma cidade grande a sudoeste de Sófia. Enquanto isso, Sheytanov publicava clandestinamente *A Revolta* e *Rabotnicheska Misl* reapareceu, primeiro como uma revista, mas depois tomando o nome do antigo jornal de Gerdzhikov, o *Svobodno Obshtestvo* (*Sociedade Livre*). Em 1921, outro importante militante, com 15 anos na época, Georgi Grigoriev (1906-1996)[4] entrou na FAKB. O mesmo que iria mais tarde escrever a história anarquista definitiva daquilo que chamou de “A Revolução Macedônica”[5], utilizando o pseudônimo de Georges Balkanski, enquanto estava exilado em Paris.

O GOLPE FASCISTA DE 1923 E SUAS CONSEQUÊNCIAS

Em janeiro de 1923 a FAKB realizou o seu 5º congresso anual – foi o primeiro congresso público, embora continuasse ilegal – na cidade de Yambol, assistido por 104 delegados e 350 observadores de 89 organizações, de acordo com Grancharoff. A agenda incluiu a situação interna e externa e questões sobre organização, campesinato, internacionalismo, período de transição, ditadura do proletariado, propaganda, cooperativas e sindicalismo. Delegados reportaram que a classe trabalhadora da própria Yambol, de Kyustendil e de Radomir – que estão a oeste de Sófia –, do vilarejo central de Nova Zagora – na cidade de Khaskovo, que está ao sul –, de Kilifarevo e de Delebets, era praticamente toda adepta do movimento anarquista e que um grande progresso estava acontecendo em Sófia, em Plovdiv, ao sul, no porto de Burgas, no mar negro, em Ruse e em outros centros.

O congresso público de Yambol foi tão impressionante que a circulação de jornais anarquistas aumentou significativamente. Mas essa popularidade não escapou dos olhos da reação, que estava tramando um golpe e persuadiu a BZS a aprovar uma lei “antibandidos”, que tinha por objetivo atingir os anarquistas. Em março de 1923, Stamboliyski assinou um pacto com a Iugoslávia reconhecendo a nova fronteira e concordando em suprimir a VMRO. Em 26 de março, um protesto anarquista em Yambol contra o desarmamento do povo, por razão da lei “antibandidos”, deu à direita a desculpa para um massacre.

De acordo com Grancharoff, o governo militar da cidade proibiu o encontro anarquista e posicionou tropas na praça pública, mas um orador anarquista subiu em um banco e começou a discursar. As tropas abriram fogo, ferindo ele e vários outros anarquistas. Uma batalha feroz entre as forças anarquistas e os dois regimentos posicionados durou duas horas e só terminou quando o comandante militar trouxe um regimento de artilharia de uma cidade vizinha. Os soldados capturaram 26 anarquistas, que foram metralhados no quartel naquela noite. 30 ou 40 anarquistas, incluindo o militante e importante organizador Todor Darzev, foram assassinados naquele dia, mas um dos 26, o estudante Obretenov, que tinha sido ferido, arrastou-se para longe e conseguiu dar o

alerta. Na manhã seguinte, tropas invadiram o centro anarquista em Sófia e prenderam todos os presentes. Em 9 de julho, em uma revolta nacionalista pelo pacto búlgaro-iugoslavo, oficiais fascistas do exército, que pertenciam à Liga Militar, e que eram apoiados pelo czar e pela VMRO, encenaram um golpe contra o governo da BZS e mataram Stamboliyski. Em Kilifarevo, os anarquistas uniram-se aos comunistas e às pessoas do campo clandestinamente, resistindo por vários dias aos ataques do exército, e também ocupando brevemente a cidade de Drenovo e várias cidades no pé das montanhas.

O novo governo era uma coalizão das forças da direita apoiadas pelo Narodrisak, o partido do grande capital, liderado pelo notório professor fascista Alexandre Tsankov, que deu para a direita da VMRO o controle real da parte búlgara da Macedônia (a esquerda do partido, dissolvida durante a Primeira Guerra Mundial, foi restabelecida em 1926, em Viena, com o nome de VMRO Unida, mas já sem qualquer teor anarquista, orientada pela direção dos PCs búlgaro e grego). Grancharoff escreve que “o país tornou-se um matadouro”, com, talvez, de 30.000 a 35.000 operários e camponeses mortos pelas forças da direita entre 1923 e 1931 – a mesma média da ditadura de Galtieri na Argentina.

Os movimentos anarquista, comunista e agrário foram empurrados para a clandestinidade e importantes militantes anarquistas como Nicola Dragnev foram presos e sumariamente executados. Alguns anarquistas foram para o exílio, editando o *Rabotnicheska Misl* em Chicago. Outros formaram destacamentos de combate conhecidos como “cheti” e envolveram-se em um importante esforço para coordenar um levante com o BKP em 1923, e em subseqüentes atividades de guerrilha.

Grancharoff diz que o BKP, inicialmente, não tomou parte na luta contra o fascismo, sustentando que isso era uma luta “entre duas burguesias” – o povo e o Estado! Reprimido por Moscou, o partido iniciou a insurreição, mas como o partido tentou substituir a ação das massas pela sua própria, isso terminou sendo um fracasso aventureiro. Em 1923, Sheytanov publicou o jornal clandestino *Protest*, e mais tarde, em 1924, publicou legalmente o semanário *Zov (O Chamado)* – que se tornou popular nos círculos acadêmicos – ao mesmo tempo em que publicou clandestinamente o jornal *Acratia (Acracia)*.

A FRENTE UNIDA E A GUERRILHA

Acreditando que era hora de unir o movimento de trabalhadores contra o fascismo, Sheytanov estabeleceu contatos com comunistas, agrários de esquerda e federalistas macedônicos, tais como Todor Panitsa, fundando o jornal “literário” *Plamlak (A Chama)*, para promover essa idéia.

No entanto, quando a Frente Unida foi fundada, já havia se tornado uma iniciativa do Comintern, e por isso foi rejeitada pelo movimento anarquista, orientado pela FAKB, sob a justificativa de ser uma organização autoritária. Grancharoff cita um trabalho stalinista, *Ascensão, Desenvolvimento e Estabelecimento do Oportunismo no Movimento Operário Búlgaro* (1986), como a sua fonte, para comentar que:

“com algumas exceções, os anarquistas não haviam aceitado a União Soviética como um país socialista. E seu argumento era convincente: ‘Na Rússia, como em todo lugar, há capitalismo. É estupidez pensar que o capitalismo pode existir sem ser defendido por um governo [mesmo que] na Rússia, este governo seja chamado de proletário’.”

A existência de um grande e organizado movimento ideológico anarco-comunista e de um movimento operário anarco-sindicalista, profundamente arraigado tanto na classe trabalhadora

como nos meios intelectuais, pode explicar, também, por que – diferentemente da Hungria e da Tchecoslováquia, onde muitos anarquistas ajudaram a fundar partidos comunistas nesse período – poucos anarquistas búlgaros foram atraídos pelo conceito bolchevique de revolução.

O bombardeio da catedral de St. Nedelya em 1925, em Sófia, realizado por uma equipe composta por uma facção radical do BKP e por membros da BZS – em resposta à prisão e à execução de muitos líderes do BKP – matou 11 generais, o chefe de polícia, o prefeito da cidade, e mais 140 pessoas. Contudo, isso trouxe um reino de terror contra a esquerda, com 3.000 comunistas presos e três executados.

A FAKB, o BKP e a BZS uniram suas forças guerrilheiras em um só destacamento, que logo foi forçado a separar-se em pequenos grupos de combate. Unidades especiais da polícia foram enviadas após Sheytanov e sua companheira de luta armada, a jovem atriz anarquista Mariola Sirakova[6], terem sido capturados e executados junto com outros 12 prisioneiros na estação ferroviária de Belovo, em 2 de junho de 1925.

A repressão viu um grande número de anarquistas búlgaros, como Grigoriev, exilarem-se na Iugoslávia, em seguida na França, onde grupos foram criados nas fortalezas anarquistas de Toulouse e Paris, assim como em Béziers. Esses grupos criaram um comitê para apoiar os prisioneiros anarquistas na Bulgária e redigiram um programa revolucionário para a FAKB. Influenciada pelo debate sobre a *Plataforma* makhnovista que se deu na França a partir de 1926 – quando um delegado búlgaro conhecido apenas como “Pavel” (talvez fosse Grigoriev) esteve entre aqueles que criaram, em 1927, a Federação Internacional Anarco-Comunista (IACF), de orientação plataformista, que teve curta duração –, a FAKB adotou a *Plataforma* como seu próprio estatuto.

O “SINDICALISMO VLASSOV DEN” E A EXPANSÃO ANARQUISTA

Enquanto isso, o anarco-sindicalista Manol Vassev Nicololov e um grupo de anarco-comunistas de Khaskovo tinham se organizado entre os camponeses das fazendas de tabaco naquele distrito, fazendo uso das antigas e tradicionais cooperativas rurais de apoio mútuo, chamadas Vlassovden (depois do dia da festa de “Vlas”, um antigo deus pagão).

Em 1930, tiveram os primeiros resultados, com 600 delegados de todo país fundando a Confederação Vlassovden – algumas vezes chamada de Sindicato Vlassovden – em Khaskovo. As demandas da Confederação Vlassovden eram radicais, mas não revolucionárias: redução da taxa direta ou indireta, dissolução dos cartéis agrários, assistência médica gratuita para os camponeses, seguro e aposentadoria para os trabalhadores agrícolas e a autonomia da comunidade. Porém o “sindicalismo vlassovden” espalhou-se rapidamente e, em 1931, a Confederação Vlassovden contava com 130 seções.

Entretanto, a situação política estava mudando: em 1930, Grigoriev retornou à Bulgária gozando de uma anistia e organizou uma célula clandestina da FAKB em Sófia; no mesmo ano, uma organização militar fascista chamada Zveno (Ligação) foi fundada por oficiais do exército, inspirados por Mussolini e estreitamente associados com a Liga Militar.

Em 1931, confrontado pelo aumento das demandas anarquistas por liberdade de expressão e por anistia aos “crimes” políticos, o regime de direita foi destituído pelo “Bloco Popular”, uma coalizão dos camponeses da BZS, dos liberais e dos radicais. Antes da eleição, na primeira comemoração do Primeiro de Maio na Bulgária, a polícia atacou um estudante anarquista na reunião da BOSF e prendeu outros 11 estudantes. A BOSF exigia o fim do controle clerical na educação e do recrutamento militar no *campus*, reivindicando que “os padres e os sargentos devem

ser expulsos das escolas e universidades e os impostos abolidos”.

O fim do regime viu um grande avanço das organizações e publicações anarquistas, de modo que o movimento anarquista, naquele momento, pode ser colocado como a terceira maior força na esquerda, depois da BZS e do BKP. Naquele ano, de acordo com um estudo, havia cerca de 40 grupos anarco-sindicalistas dentro da Confederação Nacional Anarco-Sindicalista do Trabalho (CNAST), enquanto a Federação Búlgara de Sindicatos Autônomos (FBSA) tornou-se a seção búlgara da AIT.[7]

Em 1932, a FAKB realizou um congresso nacional clandestino, na floresta próxima a Lovech, presidido por Grigoriev, e cujo objetivo era unir novamente o movimento: *Rabotnicheska Misl* foi restabelecido como porta-voz da federação. Apesar do “Bloco Popular” ser de esquerda, o movimento anarquista continuou sendo perseguido, comumente vítima de tiros, detenções e prisões.

O GOLPE FASCISTA DE 1934 E SUAS CONSEQUÊNCIAS

Em 1934, os líderes fascistas da Zveno, coronel Kimon Georgiev e coronel Damyan Velchev, orquestram um golpe que estabeleceu um regime autoritário, contando com Georgiev como primeiro-ministro. O regime declarou ilegais todos os partidos políticos, tornou corporativos sindicatos como o ANSCL, a FBSA e a Confederação Vlassovden – que nunca mais conseguiu recuperar-se – e promoveu uma guerra contra a FAKB e o BKP.

Também em 1934, a organização de direita VMRO assassinou o rei da Iugoslávia, Alexandre, e o ministro francês de Negócios Estrangeiros, Louis Barthou, em Marselha, em colaboração com os Ustaše, fascistas croatas. O ultraje internacional provocado pelo assassinato forçou o regime da Zveno a acabar com a VMRO. O regime também proibiu jornais anarquistas como o *Svobodno Obshtestvo* – no entanto, ele reapareceu como uma publicação mensal intitulada *Novo Mundo*, editada por Petar Lozanov, e o jornal *Bússola* conseguiu permanecer em circulação. Um contragolpe em 1935, levado a cabo pelo czar, fez com que Georgiev fosse destituído, e o líder monarquista da Zveno, o general Zlato Panchev, instituído – ele que logo seria substituído por uma ditadura civil monarquista.

Os movimentos anarquista, comunista e agrário tinham ainda de atuar na clandestinidade – com aquilo que sobrou de sua imprensa proibida. A VMRO Unida, pró-comunista, encerrou suas atividades em 1936.

Um exemplo do típico anarquista búlgaro deste período, pode ser encontrado no arquivo policial (compilado mais tarde sob a ocupação soviética) do mineiro, trabalhador agrícola e mecânico de locomotivas Alexander Metodiev Nakov (1919-1962)[8], originário de uma família pobre do vilarejo de Kosatcha, na região de Pernik. Tornando-se anarquista em 1937, Nakov formou um grupo anarco-sindicalista na fábrica da Machinostroitel em Pernik e, mais tarde, cumpriu penas, tanto em uma prisão fascista, como em um campo de concentração soviético. A polícia stalinista o descreveu, sem esperanças, como um “fanático anarquista”, mas também como um “bom trabalhador”, com “boa preparação política”, versado e esperantista.

Na eclosão da Revolução Espanhola, em 1936, por volta de 30 anarquistas búlgaros, incluindo Grigoriev, foram lutar nas milícias. Grigoriev representou a FAKB no congresso da CNT-FAI na Espanha livre em novembro daquele ano. A resistência revolucionária ao fascismo finalmente forçou o disperso movimento anarquista a reunir-se novamente no último congresso da FAKB antes da guerra, realizado em Vitosha, em agosto de 1936.

Apesar das muitas prisões em campos de concentração, os anarquistas também conseguiram publicar e distribuir o mimeografado *Khleb i Svoboda (Pão e Liberdade)*, entre 1936 e 1939. Em 1938, o BKP, na tentativa de apelar a um público maior, trocou de nome para Partido dos Trabalhadores Búlgaros (BRP), até retomar suas cores stalinistas em 1948. Retornando à Bulgária em 1939, Grigoriev foi preso, passando os anos de guerra na prisão e indo depois para um campo de concentração.

GUERRA E COLABORAÇÃO VERMELHA-LARANJA-MARROM

Em 1940, um manifesto da FAKB confrontou as intrigas do Comintern que, primeiro, aliou-se aos nazistas e, depois, se opôs a eles. De acordo com Grancharoff, a FAKB acusou o BRP comunista de apoiar o esforço de guerra dos Aliados, e por ter

“[...] cometido um crime histórico de restabelecer a confiança do armamento ideológico falido da burguesia, de suas instituições e de seus estandartes (bandeiras medievais eclesiásticas e militares), por meio da constituição, da democracia, do amor da paz, [...] do patriotismo e do nacionalismo [...]”.

A Bulgária alinhou-se com os nazistas em 1941 e o movimento anarquista formou uma guerrilha para lutar contra as forças nazistas que estavam na Bulgária, e também contra os fascistas búlgaros, como coloca Grancharoff: “situados entre o martelo e a bigorna, eles corajosamente lutaram contra o fascismo e pagaram caro por isso”.

Na realidade, a resistência popular salvou todos os judeus búlgaros de serem deportados para os campos de extermínio nazistas. Na própria Macedônia, o Partido Comunista da Macedônia (MCP) só foi fundado em 1943. O movimento anarquista operou uma poderosa força guerrilheira nas fases conclusivas da guerra, em uma sociedade que continuava sendo agrária, em grande medida. O movimento anarquista, que lutou em uma longa campanha guerrilheira contra os fascistas, cresceu rapidamente e ajudou a Frente Patriótica a estabelecer a bem-sucedida insurreição de 9 de setembro de 1944 contra as forças nazistas localizadas na Bulgária.

Na verdade, o movimento anarquista não era muito forte, de forma a poder representar uma alternativa séria, mas a força da Frente Patriótica – que consistia no BRP comunista, em uma facção socialista da BZS e no movimento militar fascista Zveno (que também lutou contra os nazistas) – mostrou-se formidável. No final de 1944, o BRP tinha apenas 15.000 membros, mas quando o Exército Vermelho substituiu os alemães como força de ocupação, os comunistas búlgaros aproveitaram-se da situação, formando um governo da Frente Patriótica encabeçado pelo líder da Zveno, Kimon Georgiev, o coronel do exército que havia realizado um golpe fascista há apenas uma década, em 1934.

Essa aliança vermelha-laranja-marrom – que Grancharoff chamou de “união entre o nacional-socialismo e o comunismo” – começou a trabalhar imediatamente para reprimir anarquistas, outras tendências políticas e a classe trabalhadora. Os trabalhadores foram forçados a entrar em um único “sindicato” do Estado – como antes, sob o regime de Georgiev, que havia se baseado na Itália de Mussolini – e o trabalho por tarefa foi introduzido. Apesar disso, organizações como a União Anarquista Búlgara, do Sudoeste, e o grupo Élisée Reclus, de Pernik, foram formados por militantes como Nakov.

O REGIME STALINISTA[9]

A FAKB convocou um congresso em Knegevo, na capital Sófia em 1945, para discutir a repressão, mas a milícia comunista prendeu todos os 90 delegados e os colocou em campos de trabalho forçado. Isso não impediu a organização de produzir uma importante *Plataforma* anarco-comunista. Os espaços anarquistas foram fechados e o renovado órgão da FAKB, *Rabotnicheska Misl*, foi forçado a encerrar suas atividades depois de apenas oito edições. Ele reapareceu brevemente durante as manipuladas eleições comunistas realizadas em 1945, sob pressão americana e britânica, com uma circulação que aumentou de 7.000 para 60.000 exemplares, antes de ser proibido novamente. O próximo congresso anual da FAKB, em 1946, teve de acontecer clandestinamente.

Em 1946, o líder da Zveno, Georgiev, foi substituído pelo comunista Georgi Dimitrov, as facções da Zveno e da BZS que atuavam dentro da Frente Patriótica foram dissolvidas, a monarquia foi abolida e a Bulgária tornou-se supostamente uma “República Popular”. Os agrários da BZS recusaram-se a cooperar e, em 1947 (ano da morte do veterano anarquista Gerdzhikov), o líder da BZS Nikola Petkov foi executado pelos comunistas. Em 1948, o último encontro massivo dos anarquistas resultou na captura de 600 militantes, que foram mandados para campos de concentração como Cuciyan (perto de Pernik, chamado pelos internos de “Carinhos da Morte”), Bogdanovol (chamado de “Campo das Sombras”), Nojarevo, Tadorovo e Bosna – e os membros do BRP fundiram-se com a Frente Patriótica para transformá-la em um partido de massas “comunista”, reivindicando 460 mil membros.

Perto desta data, centenas de anarquistas tinham sido executadas e cerca de 1000 militantes da FAKB foram mandados para os campos de concentração onde a tortura, os maus-tratos e a fome dos veteranos antifascistas (porém não-comunistas) – alguns deles haviam enfrentado o fascismo por quase 30 anos – eram praticamente rotina. Prisioneiros anarquistas foram colocados no isolamento e trabalharam até a morte, sendo forçados a trabalhar em turnos de 36 horas, ao passo que os outros detentos tinham jornadas de 12 a 16 horas. Uma lista parcial de 33 anarquistas detidos, que foi divulgada naquele ano pelos trabalhadores clandestinos na Bulgária, é esclarecedora em termos de sua composição de classe: 11 estudantes e universitários; quatro trabalhadores urbanos anarco-sindicalistas, incluindo um técnico; quatro professores, incluindo um inspetor escolar; quatro trabalhadores rurais (provenientes do “sindicalismo vlassovden”); três tipógrafos; dois jornalistas, incluindo Georgi Dimitroff Kurtov (Karamikaylov), editor de *Rabotnicheska Misl* que era constantemente detido; um bibliotecário e vários outros cujas ocupações são desconhecidas. O mais novo, cuja idade foi revelada, tinha 21 anos, provavelmente politizado sob o fascismo, e o mais velho tinha 49, e trabalhava com tabaco, Manol Vassev Nicolov, que tinha iniciado o “sindicalismo vlassovden” em 1930. A maioria tinha sido presa ou sentenciada à morte pelos fascistas, três eram antigos guerrilheiros e um tinha se envolvido em uma conspiração militar contra os fascistas. Conforme relata Grancharoff:

“O véu obscuro do comunismo usado para sepultar o anarquismo foi o mesmo que enterrou [...] o comunismo genuíno e todas as esperanças revolucionárias pela emancipação e libertação dos oprimidos.”

Embora houvesse dedicados anarquistas atuando na clandestinidade, e conseguindo operar bem, ainda na década de 1980 – como era o caso de Nakov –, muitos anarquistas búlgaros, como o importante militante Georgi Grigoriev, exilaram-se na França – onde as estruturas de exílio da FAKB foram estabelecidas, da mesma forma que a União Libertária Búlgara (BLU), um “guarda-chuva” que terminou abarcando todas as tendências anarquistas do país. Grigoriev, que escreveu uma história do movimento anarquista búlgaro e um estudo sobre a interação entre a libertação nacional e a revolução social nos Bálcãs, desempenharia um papel fundamental, restabelecendo a BLU e a Federação dos Anarquistas Búlgaros (FAB), de orientação sintetista, depois do

desmoronamento do sistema comunista em 1989, e também, garantindo sua aderência à Internacional das Federações Anarquistas (IFA). Em 2008, a FAB continua publicando mensalmente o seu jornal *Svobodna Misl (Livre Pensamento)*. Hoje, há outras organizações anarquistas na Bulgária, que incluem: a Frente Anarquista (AF); o grupo autônomo anarquista “Anarco-resistência” (ABDA), responsável pelo jornal *Anarkhosprotiva (Anarco-resistência)*; a Confederação Búlgara do Trabalho (BKT), de orientação anarco-sindicalista, fundada em 1991 por militantes como Nikola Mladenov Totorov, que é uma seção da AIT; e a renovada Federação da Juventude Anarquista (FAM).[10]

[...]

Notas:

As notas que iniciam com números são originais do texto, feitas pelo próprio autor. As notas que iniciam com letras foram colocadas posteriormente, pelos editores da publicação no Brasil. Os links de páginas na internet foram atualizados, com base nas modificações dos sites citados.

1. Jack Grancharoff, *The Bulgarian Anarchist Movement*, manuscrito não publicado, gentilmente escrito para a ZACF, Quamaa, Austrália, 2006. Esse documento permite-nos conhecer uma série de informações daquilo que foi um intrigante movimento, mas que continua ainda na obscuridade.

2. Dielo Trouda, *Plataforma Organizacional dos Comunistas Libertários*, escrita por Nestor Makhno, Ida Mett e outros do Dielo Trouda (Causa Operária), grupo de exilados em Paris, França, 1926. Esse texto anarco-comunista fundamental reafirma a tendência majoritária histórica – da linha de organização de massas, que inclui organização “política” (ideológica), “social” (comunitária) e sindical – em oposição à linha aventureira de minoria insurgente e também à postura individualista antianarquista. A *Plataforma* pode ser encontrada, junto com outros documentos, no amplo Nestor Makhno Archive, que está on-line em www.nestormakhno.info.

a. Quando o autor refere-se ao movimento anarco-comunista, está falando da linha plataformista, que possui diversas similaridades com o especificismo que defendemos aqui na América Latina. O site www.anarkismo.net vem reunindo material produzido, principalmente, por este movimento, composto por organizações e indivíduos de todo mundo, partidários desta corrente plataformista-especificista. (N. E.)

3. Nick Heath (Anarchist Federation, Reino Unido), *Gueorgui Cheitanov (1896-1925)*, sem data, on-line em <http://libcom.org/history/cheitanov-gueorgui-1896-1925>.

b. Descendendo de “Tesni socialisti” (socialista restrito), o termo “Tesni” representa o Partido Trabalhista e Social Democrata da Bulgária que, como cisão do Partido Social Democrata, foi fundado em 1903 e constituiu as origens do BKP. (N. E.)

4. Nick Heath (Anarchist Federation, Reino Unido), *Georgi Grigoriev (1906-1996)*, (também conhecido por Georges Balkanski), sem data, on-line em <http://libcom.org/history/grigoriev-georgi-1906-1996>.

5. Georges Balkanski (Georgi Grigoriev), *Liberation Nationale et Liberation Sociale: l'Exemple de la Revolution Macedonienne*, Collection Anarchiste, Federation Anarchiste, Paris, França, sem data. Esse livro é a primeira análise anarquista em língua francesa sobre a questão social macedônica.

6. Nick Heath (Anarchist Federation, Reino Unido), *Mariola Sirakova, 1904-1925*, sem data, online em <http://libcom.org/history/sirakova-mariola-1904-1925>.

7. *Bulgária: The New Spain* (disponível para download no site da Zabalaza: www.zabalaza.net).

8. Anônimo, *Alexander Metodiev Nakov (1919-1962), Bulgarian Libertarian Union in Exile*, Paris, França, sem data, on-line em <http://libcom.org/library/alexander-metodiev-nakov-his-life-and-crimes>.

9. *Bulgaria: The New Spain*.

10. Referências a essas organizações podem ser encontradas no site Broadleft: www.broadleft.org.

* Este excerto é um trecho do livro de mesmo título publicado pela Faísca Publicações.

* Tradução e Revisão: Bruno Domingos Azevedo e Felipe Corrêa.